

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS - HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS E INGLÊS**

VANESSA MARCELA SCHNEIDER

**PORTUGUÊS E HUNSRÜCKISCH - UM ESTUDO DE CASO
DE 4 GERAÇÕES DE UMA MESMA FAMÍLIA**

**São Leopoldo
2020**

VANESSA MARCELA SCHNEIDER

PORTUGUÊS E HUNSRÜCKISCH - UM ESTUDO DE CASO
DE 4 GERAÇÕES DE UMA MESMA FAMÍLIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras, habilitação Português e
Inglês, pelo Curso de Letras da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof^ª. Ma. Aline Jaeger

São Leopoldo
2020

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditaram no meu potencial, especialmente à minha família, que me apoiou durante toda a minha jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

À minha família, minha mãe Leoní, meu pai Plínio e minha irmã Andressa, que me deram suporte durante toda a caminhada da graduação e me motivaram para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço a vocês, por acreditarem que tudo daria certo e por me confortarem nos momentos de angústia e ansiedade. É muito bom receber o apoio de vocês, as pessoas que eu mais amo nessa vida.

Aos meus familiares, especialmente ao meu avô, à minha tia, à minha prima e ao meu primo-sobrinho, que aceitaram fazer parte da minha pesquisa.

À Alessandra, minha amiga e colega de curso desde o início desta jornada, que sempre esteve do meu lado e que estava passando pelo Trabalho de Conclusão ao mesmo tempo. Obrigada pelo apoio, nós conseguimos!

Aos meus demais colegas de curso, especialmente à Iasmin e à Lilian, que compartilharam muitas experiências significativas durante esses anos de graduação e me apoiaram para que eu pudesse concluir este trabalho.

Às minhas amigas, Jeniffer, Cristina, Suzane e Micheli, que me incentivaram na escrita deste trabalho e sempre estiveram do meu lado. Imensa gratidão em ter o apoio de vocês!

Aos meus amigos e colegas de trabalho, que sempre estiveram ao meu lado e que, por diversas vezes, entenderam que fui obrigada a me privar de momentos junto para me dedicar a este trabalho. Vocês são demais!

A todos os professores da Unisinos que compartilharam seus conhecimentos e permitiram que eu pudesse estar concluindo este trabalho. Em especial, à minha orientadora, Aline Jaeger, que me ajudou com precisas colocações e me guiou com muito carinho nesta reta final.

“If you never try you’ll never know”
(COLDPLAY)

RESUMO

Atualmente, o Brasil adota uma política bilíngue, tendo português e LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como línguas oficiais (2002). Além dessas, várias outras línguas de imigração e indígenas são utilizadas pelos brasileiros, as quais são consideradas minoritárias. Na cidade de Nova Petrópolis, é comum encontrarmos falantes da variedade alemã Hunsrückisch, que é preservada na cidade desde a chegada dos imigrantes alemães. Tendo isso em vista, esta pesquisa busca analisar aspectos sobre o uso e a manutenção do Hunsrückisch em 4 gerações de uma mesma família neo-petropolitana. Os objetivos da pesquisa também são identificar as experiências que estes falantes têm com a variedade alemã e com o português, entender como eles interagem com os dois idiomas e identificar fatores sobre o bilinguismo destes integrantes. Pesquisadores e autores da área, como Baker (2001), Harding-Esch e Riley (2003), King e Mackey (2007), Mané (2012), Myers-Scotton (2006), entre outros, serviram como base da pesquisa. Os resultados da análise apontaram que nessa família o uso do Hunsrückisch foi diminuindo de geração para geração, mantendo-se o idioma ativo, mas em diferentes níveis de competência e uso, até a terceira geração. Ademais, de acordo com os resultados e com os entendimentos dos participantes, o futuro da variedade alemã é incerto nesta família, assim como na cidade de Nova Petrópolis.

Palavras-chave: Bilinguismo. Família. Hunsrückisch. Língua de Herança. Manutenção.

ABSTRACT

Currently, Brazil adopts a bilingual policy, having Portuguese and LIBRAS (Brazilian Sign Language) as official languages. In addition to these, several other immigration and indigenous languages are used by Brazilians, which are considered minority. In the city of Nova Petrópolis, it is common to find speakers of the German variety Hunsrückisch, which has been preserved in the city since the arrival of German immigrants. With this in mind, this research seeks to analyze aspects about the use and maintenance of Hunsrückisch in 4 generations of the same neopetropolitan family. The aim of the research is to identify the experiences that these speakers have with the German variety and with Portuguese, understand how they interact with both languages and identify factors about the bilingualism of these members. Researchers and authors in the field, such as Baker (2001), Harding-Esch and Riley (2003), King and Mackey (2007), Mané (2012), Myers-Scotton (2006), among others, served as the basis of the research. The results of the analysis showed that in this family the use of Hunsrückisch decreased from generation to generation, keeping the language active only until the third generation. Furthermore, according to the results and also according to the participants' understandings, the future of the German variety is uncertain in this family, as well as in the city of Nova Petrópolis.

Keywords: Bilingualism. Family. Hunsrückisch. Heritage Language. Maintenance.

ZUSAMMENFASSUNG

Heutzutage übernimmt Brasilien eine zweisprachige Politik, sie hat Portugiesisch und die Brasilianische Gebärdensprache als Amtssprachen. Außer diesen verwenden die Brasilianer viele anderen Sprachen, die mit der Einwanderung gekommen sind und die Sprache der Eingeborenen, die als Minderheitensprachen angesehen werden. In der Stadt Nova Petrópolis ist es üblich, Menschen, die Hunsrückisch sprechen, zu finden, welches seit der Ankunft der Einwanderer erhalten wird. Daher beschäftigt sich die Untersuchung über die Analyse von Aspekten über die Verwendung und Erhaltung des Hunsrückisch in vier Generationen einer Familie aus Nova Petrópolis. Das Ziel der Untersuchung ist die Erfahrungen, die die Menschen mit dem Dialekt und Portugiesisch haben, zu ermitteln, erfahren wie sie sich mit den zwei Sprachen interagieren und Aspekte über die Zweisprachigkeit der Mitglieder zu ermitteln. Forschenden und Autoren auf dem Gebiet, wie Baker (2001), Harding-Esch e Riley (2003), King e Mackey (2007), Mané (2012), Myers-Scotton (2006), unter anderem, waren eine wichtige Grundlage für die Untersuchung. Die Ergebnisse der Analyse zeigten, dass in dieser Familie die Verwendung der Hunsrückisch über die Generationen rückläufig war, dass nur bis zur dritten Generation die Sprache aktiv war. Zudem entsprechen die Ergebnisse und auch die Verständnisse der Teilnehmer, dass in die Zukunft der Dialekt in dieser Familie, sowie auch in der Stadt Nova Petrópolis unsicher ist.

Schlüsselwörter: Zweisprachigkeit. Familie. Hunsrückisch. Sprache der Vorfahren. Erhaltung.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 BILINGUISTO.....	13
2.2 BILINGUISTO SOCIETAL.....	20
2.3 BILINGUISTO E MULTICULTURALISMO.....	25
2.4 LÍNGUA E DIALETO E LÍNGUA DE PRESTÍGIO.....	26
2.5 LÍNGUA MINORITÁRIA E DE HERANÇA.....	31
3 METODOLOGIA.....	36
3.1 A LOCALIDADE E A SUA RELAÇÃO COM A LÍNGUA ALEMÃ.....	37
3.2 OS PARTICIPANTES.....	39
3.3 COLETA DE DADOS.....	41
3.4 ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS.....	43
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	44
4.1 JOÃO.....	44
4.1.1 Questionário e entrevista de João.....	44
4.2 MARIA.....	50
4.2.1 Questionário e entrevista de Maria.....	50
4.3 JOANA.....	54
4.3.1 Questionário e entrevista de Joana.....	54
4.4 MATEUS.....	60
4.4.1 Respostas da entrevista de Mateus.....	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE INFORMAÇÕES DE ENTREVISTA.....	74
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO (GERAÇÃO 1).....	75
APÊNDICE C - ENTREVISTA (GERAÇÃO 1).....	77
APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO (GERAÇÃO 2).....	78
APÊNDICE E - ENTREVISTA (GERAÇÃO 2).....	80
APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO (GERAÇÃO 3).....	81
APÊNDICE G - ENTREVISTA (GERAÇÃO 3).....	83

APÊNDICE H - ENTREVISTA (GERAÇÃO 4).....	84
---	-----------

1 INTRODUÇÃO

Localizada na Serra Gaúcha, Nova Petrópolis foi uma das cidades que tiveram sua construção histórica e cultural marcada pela influência de povos provenientes da Europa. “Os imigrantes alemães que chegaram a Nova Petrópolis desde 1858, eram na maior parte oriundos dos “Estados Alemães”: Pomeranos, Saxões, Renanos e Boêmios do Império Austro-Húngaro”. (Nova Petrópolis, 2019). Esses imigrantes trouxeram à cidade uma grande diversidade cultural e linguística e, por essas características ainda hoje estarem lá presentes, ela é considerada uma das cidades mais germânicas da Rota Romântica¹.

Tipicamente germânica, a cidade ainda cultiva a gastronomia, as danças e músicas folclóricas e mantém vivos diversos aspectos da tradição dos imigrantes alemães que a colonizaram. Sua herança cultural pode ser percebida nas fachadas das construções, nos pátios das casas e principalmente nos diálogos das pessoas que lá vivem. Esses e outros aspectos a tornaram uma cidade turística, que hoje é também conhecida internacionalmente por sediar o Festival Internacional do Folclore, um evento que além de divulgar os grupos de dança folclóricos locais, também reúne uma grande variedade de culturas do mundo todo.

Uma das maiores heranças deixadas pelos imigrantes alemães foi a língua alemã, que ainda é utilizada por muitas famílias como língua materna. Na cidade, ainda é comum encontrar famílias que falam a variedade² alemã Hunsrückisch para se comunicar no cotidiano. Além de estar presente no diálogo do dia a dia das pessoas, a língua alemã também é utilizada no comércio local e é importante por possibilitar a convivência das pessoas mais jovens com as mais idosas, pois, principalmente nas comunidades do interior do município, ainda existem pessoas que se comunicam predominantemente com a variedade alemã. Dessa forma, além de resgatar a cultura dos descendentes da Alemanha, a variedade alemã Hunsrückisch se torna também importante para facilitar a comunicação entre as gerações.

¹ Rota turística com cidades de colonização predominantemente alemã, inspirada em um roteiro homônimo localizado na Alemanha.

² O termo variedade alemã, ou apenas variedade, será utilizado na pesquisa, entretanto, na cidade, o termo é definido como dialeto. Preferiu-se o termo variedade, pois, muitas vezes, a palavra dialeto desmerece a língua.

A escolha do tema deste trabalho teve motivações pessoais, pois fui criada em uma comunidade do interior da cidade que possui uma forte presença da tradição alemã. Até os 6 anos de idade, eu falava somente a variedade alemã Hunsrückisch. Eu a usava para me comunicar com a minha família, com os meus vizinhos, com os meus amigos e com as demais pessoas da comunidade. Dessa forma, posso afirmar que a língua alemã foi de grande importância em minha vida, visto que é a minha língua materna.

Ao entrar na pré-escola³, comecei a ter mais contato com a língua portuguesa. Como a escola em que estudei durante todo o ensino fundamental ficava na comunidade, a maioria dos meus colegas também tinha o hábito de falar a variedade alemã. Assim, mesmo estudando em português, eu continuava falando alemão com os colegas e com os professores. O uso do Hunsrückisch, na escola, não foi proibido pelos professores, no entanto, com o tempo, eu percebi que na sala de aula era necessário falar em português. Ao mesmo tempo, meus pais também começaram a conversar mais frequentemente comigo em português, e assim, passei a utilizar ambos os idiomas. Esse período de adaptação com a nova língua, tanto na escola quanto em casa, não foi traumático, pois o uso de nenhuma das duas línguas me foi proibido.

Com o passar dos anos, fui conhecendo novas pessoas e mantendo, cada vez mais, contato com a língua portuguesa. Com isso, acabei perdendo o costume de falar a variedade alemã e assim, tanto em casa quanto nos demais ambientes, passei a utilizar somente a língua oficial do país. Com 15 anos, comecei a estudar inglês em um curso de idiomas e, depois disso, o meu alemão foi regredindo ainda mais. Atualmente, consigo entender a língua, mas tenho muita dificuldade para me expressar com ela. Em casa, frequentemente, meus pais ainda conversam comigo na variedade alemã, porém a minha resposta é sempre em português. O mesmo acontece quando falo com o meu avô, com os meus clientes e com as demais pessoas que ainda utilizam o Hunsrückisch.

³ Nomenclatura utilizada para educação básica de crianças de quatro a cinco anos. A pré escola faz parte da Educação Infantil, que consiste na educação de crianças com idades entre 0 a 5 anos. A Educação Infantil atende crianças de zero a três anos na creche e de quatro a cinco anos na pré-escola. A nomenclatura aqui adotada está amparada na Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 12.796, de 2013).

Nesse sentido, tenho percebido muitos casos parecidos com o meu, de famílias que vem perdendo o costume de falar a variedade alemã de geração para geração. Isso se torna preocupante ao pensar que provavelmente esses jovens, assim como eu, não irão mais ensinar a variedade alemã aos seus filhos e, como consequência, no futuro, essa língua tem a chance de diminuir drasticamente, até desaparecer na comunidade.

Tendo isso em vista, na presente pesquisa será feita a análise de 4 gerações de uma família: bisavô, avó, filha e neto. Com esses participantes, foram aplicados questionários e entrevistas, a fim de analisar aspectos sobre o uso e a manutenção da variedade alemã Hunsrückisch entre as gerações, além de identificar as experiências que esses falantes têm com a variedade alemã e com o português, entender como eles interagem com os dois idiomas e identificar fatores sobre o bilinguismo destes integrantes. Esses quatro participantes fazem parte da minha famíliae, com isso, também tenho o objetivo de conhecer um pouco mais sobre os meus antepassados e sobre a história linguística da minha família.

O presente trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos, iniciando por este capítulo de introdução, que apresenta as reflexões iniciais, o tema, a justificativa e os objetivos desta pesquisa. No segundo capítulo, é apresentada a revisão teórica, na qual são abordadas questões relacionadas ao bilinguismo, à língua e dialeto, à língua minoritária, à língua de prestígio e à língua de herança. No terceiro capítulo, é apresentada a metodologia de pesquisa utilizada neste estudo, além do contexto no qual ele está inserido. O capítulo 4 apresenta a análise dos dados coletados nos questionários e nas entrevistas, relacionando-os com os aspectos teóricos trabalhados no capítulo 2. Por fim, no capítulo 5, é feita a síntese do trabalho, na qual são apresentadas as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo divide-se em cinco seções: bilinguismo, bilinguismo societal, bilinguismo e multiculturalismo, língua e dialeto e língua de prestígio, e língua minoritária e de herança. A abordagem desses temas é extremamente relevante para a compreensão dos objetivos deste estudo e para uma eficaz análise dos dados coletados.

2.1 BILINGUISMO

Todos os dias, a cada segundo, há milhões de pessoas se comunicando em cada canto do planeta. De acordo com Crystal (2000), estima-se que existam cerca de 6.000 a 7.000 idiomas no mundo hoje.

Algumas pessoas comunicam-se por meio de apenas uma língua, são monolíngues, outras por meio de duas, sendo então bilíngues. Sabe-se que uma porcentagem considerável da população mundial é bilíngue, embora muitos não se percebam assim. Mas afinal, quando uma pessoa pode ser considerada bilíngue? De acordo com Harding-Esch e Riley (2003, p. 22), existem diversas definições de bilinguismo, dessa forma torna-se difícil definir com exatidão o que é bilinguismo e quando alguém pode ser considerado bilíngue ou não. Bloomfield (1962, p.56) define o bilinguismo como “o controle nativo de dois idiomas”⁴. Para o autor, a distinção do bilinguismo é relativa, pois não há como alcançar um grau de perfeição em duas línguas.

Já para William Francis Mackey (1962 *apud* HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 23), bilinguismo é o uso alternado de duas ou mais línguas pela mesma pessoa, sem esquecer de mencionar que o autor também classifica o bilinguismo como um fenômeno relativo. Haugen (1952 *apud* HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 23) é outro autor que expõe a sua opinião sobre o bilinguismo, dizendo que o fenômeno acontece quando “o falante de uma língua pode produzir enunciados completos e significativos em outra língua”⁵. Dessa forma, mesmo com opiniões diferentes sobre o assunto e por se tratar de um conceito relativo, percebe-se que há um consenso

⁴ Na original: “native-like control of two languages”.(BLOOMFIELD, 1962, p.56)

⁵ Na original: “the speaker of one language can produce complete, meaningful utterances in the other language. (HAUGEN, 1952 *apud* HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 23).

entre os estudiosos, visto que, a maioria deles entende que uma pessoa para ser considerada bilíngue precisa ser capaz de se comunicar em duas línguas.

Assim como existem indivíduos que se comunicam com uma ou duas línguas, existem também aqueles que se comunicam com duas ou mais línguas, os chamados multilíngues. Para King e Mackey (2007, p.221), é normal que o multilinguismo seja comum, uma vez que existem tantas línguas no mundo. Além disso, de acordo com Mejía (2002, p. 4),

[...] novas gerações de jovens estão crescendo em um ambiente multilíngue e multicultural, acostumado a interagir diariamente com falantes de várias línguas do mundo e a construir conhecimento acadêmico bilíngue ou multilíngue.⁶

Dessa forma, entende-se que o multilinguismo é cada vez mais comum, pois está em todo lugar. Isso se confirma ao analisarmos que, com um número tão grande de línguas presentes no mundo, é provável que em cada país seja falada mais de uma língua. Além disso, é também importante mencionar que, segundo Crystal (1995), o fenômeno do multilinguismo acontece por causas políticas, religiosas, culturais, educacionais, econômicas e por catástrofes naturais. Nesse sentido, novas línguas são aprendidas por propósitos de sobrevivência, pela busca de melhores oportunidades profissionais, educacionais ou pessoais e outras demais causas.

Sabe-se que o processo de aprendizagem bilíngue pode acontecer em qualquer fase da vida, desde a primeira infância até a fase adulta, portanto a questão da idade de aquisição das línguas tem sido bastante discutida devido a existência de diversos mitos. King e Mackey (2007, p. 21) explicam que

crianças mais velhas e adultos alcançam proficiência bem alta, mesmo que tenham começado a aprender sua segunda língua após a puberdade. De fato, dadas as condições certas, crianças mais velhas e até adultos podem aprender um segundo idioma muito bem!⁷.

⁶ Na original: “[...] new generations of young people are growing up in a multilingual, multicultural environment, accustomed to interacting on a daily basis with speakers of several world languages and to constructing academic knowledge bilingually or multilingually”. (MEJÍA, 2002, p. 4).

⁷ Na original: “older children and some adults do achieve very high proficiency even though they began to learn their second language after puberty. Indeed, given the right conditions, older children and even adults can learn a second language very well!”.(KING; MACKEY, 2007, p.21).

Diante disso, o fato de uma pessoa só ter sucesso num segundo idioma quando esse é aprendido na infância não passa de um mito, uma vez que é possível aprender um novo idioma, com sucesso, em qualquer idade. Além disso, em relação à aprendizagem de línguas, Harding-Esch e Riley (2003, p. 44) apresentam o “bilinguismo simultâneo” e o “bilinguismo sequencial” com um exemplo. De acordo com os autores,

(...) as crianças que se mudam para um novo país com os pais, como vimos, começam a adquirir sucessivamente a segunda língua. Por outro lado, irmãos e irmãs pequenos nascidos depois que a família se estabelecer lá, se o padrão relevante for estabelecido, adquirirão os dois idiomas simultaneamente.⁸

Nesse sentido, entende-se que no bilinguismo simultâneo a aquisição das duas línguas ocorre ao mesmo tempo, enquanto no bilinguismo sequencial o indivíduo adquire a segunda língua após ter as bases da primeira. Além disso, os mesmos autores também apresentam o bilinguismo tardio, que é usado para se referir aos indivíduos que se tornam bilíngues depois da adolescência. (HARDING-ESCH; RILEY, 2003). King e Mackey (2007, p.100) também explicam que se percebe maior êxito na aprendizagem da segunda língua quando acontece de maneira integrada as rotinas e atividades do cotidiano e não como algo a parte. Dessa forma, o processo de aquisição de uma língua, nesses três casos, é mais significativo acontecendo de forma natural, por circunstâncias passadas diariamente.

Baker (2001) explica que um indivíduo bilíngue pode possuir quatro habilidades básicas de linguagem, as quais são: falar, ouvir, ler e escrever. O autor também comenta que cada uma dessas habilidades pode ser mais ou menos desenvolvida. Quanto à habilidade de ouvir, por exemplo, ele explica que um indivíduo pode ser capaz de ouvir com compreensão um anúncio de loja, mas não ser capaz de compreender uma palestra acadêmica. O mesmo acontece com a habilidade de ler, pois um indivíduo pode ser capaz de ler um texto simples, mas não ser capaz de ler um texto mais fluente.

⁸ Na original: “children in the same family may become bilingual in different ways. For example, children moving to a new country with their parents will, as we have seen, set about the successive acquisition of the second language. On the other hand, small brothers and sisters born once the family has settled down there will, if the relevant pattern is established, acquire the two languages simultaneously.” (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 44).

Nesse sentido, o autor divide os indivíduos bilíngues em dois grupos, os bilíngues ativos e os bilíngues passivos.

Alguns falam um idioma, mas não leem ou escrevem em um idioma. Alguns ouvem com compreensão e leem um idioma (bilinguismo passivo), mas não falam nem escrevem esse idioma. Alguns entendem uma língua falada, mas eles próprios não falam essa língua. Classificar as pessoas como bilíngues ou monolíngues é, portanto, simplista demais.⁹ (BAKER, 2001, p.5)

Portanto, bilinguismo passivo é o fenômeno que acontece com pessoas que compreendem e/ou leem um idioma, mas não falam ou/nem escrevem esse idioma, ou seja, esses indivíduos não praticam ativamente uma das línguas. King e Mackey (2007, p. 224) também explicam que “sem o equilíbrio correto da exposição ao idioma, as crianças que estão aprendendo três ou mais idiomas provavelmente se tornarão usuários passivos de um desses idiomas”¹⁰. Dessa forma, o bilinguismo passivo é comum em famílias de imigrantes, pois, muitas vezes, as línguas de origem acabam ficando em segundo plano devido ao uso frequente da língua padrão. É importante ressaltar que esse fato pode variar de família para família, de acordo com a quantidade de exposição que o indivíduo tem em cada uma das línguas, e também de acordo com o incentivo que ele tem para utilizar as duas ou mais línguas.

Ao contrário dos indivíduos bilíngues passivos, existem os indivíduos bilíngues ativos, que são aqueles que possuem as competências de compreensão e expressão em duas línguas, ou seja, sabem falar e/ou escrever em ambas as línguas.

Durante o processo de aquisição de um segundo idioma, existe a possibilidade de o indivíduo continuar mantendo o seu primeiro idioma, ou, por outro lado, o indivíduo também corre o risco de perdê-lo. Essas ocorrências são explicadas por Baker (2001),

⁹ Na original: “Some speak a language, but do not read or write in a language. Some listen with understanding and read a language (passive bilingualism) but do not speak or write that language. Some understand a spoken language but do not themselves speak that language. To classify people as either bilinguals or monolinguals is thus too simplistic.”. (BAKER, 2001, p.5).

¹⁰ Na original: “without the right balance of language exposure, children who are learning three or more languages are likely to become passive users of one of those languages”. (KING; MACKAY, 2007, p. 224).

Quando uma segunda língua e cultura são adquiridas com pouca ou nenhuma pressão para substituir ou reduzir a primeira língua, pode ocorrer uma forma aditiva de bilinguismo. Quando o segundo idioma e a cultura são adquiridos (por exemplo, imigrantes) com pressão para substituir ou rebaixar o primeiro idioma, pode ocorrer uma forma subtrativa de bilinguismo. Isso pode estar relacionado a um autoconceito menos positivo, perda de identidade cultural ou étnica, com possível alienação ou marginalização¹¹. (BAKER, 2001, p. 114).

Nesse sentido, no bilinguismo aditivo, ao aprender uma segunda língua o indivíduo mantém sua língua materna, sem prejudicá-la. Por outro lado, ainda de acordo com Baker (2001), quando a aprendizagem de uma segunda língua prejudica a primeira língua, ocorre o bilinguismo subtrativo¹². Nesse caso, geralmente é a língua materna do indivíduo que é deixada de lado, que, muitas vezes, não é tão prestigiada pela sociedade. Tendo isso em vista, entende-se, também, que esse tipo de fenômeno frequentemente acontece com imigrantes, pois, muitas vezes, eles são obrigados a adquirir uma nova língua e uma nova cultura com pressão para substituir a primeira língua.

Além disso, o fato de deixar de falar uma língua não significa que ela está necessariamente perdida, mas, sim, apenas esquecida. Sobre isso, Harding-Esch e Riley (2003) comentam que, muitas vezes, uma das línguas parece estar adormecida, no entanto os autores realçam que essa língua pode ser reativada a qualquer momento. Dessa forma, mesmo que o indivíduo perca o costume de falar uma língua, é muito difícil ele deixar de entendê-la.

Os falantes de comunidades bilíngues também costumam usar algumas estratégias e funções para se comunicar de forma mais significativa. De acordo com Spinelli (2012), os indivíduos bilíngues constroem o uso de variados códigos, desenvolvendo diferentes habilidades nos dois idiomas, enquanto os indivíduos monolíngues desenvolvem um só sistema.

Numa conversa entre indivíduos bilíngues, é comum haver alternância entre dois idiomas. Esse fenômeno é conhecido como troca de código ou “code-switching”, em inglês. De acordo com King e Mackey (2007, p. 190), “em algumas comunidades

¹¹ Na original: “When a second language and culture have been acquired with little or no pressure to replace or reduce the first language, an additive form of bilingualism may occur. When the second language and culture are acquired (e.g. immigrants) with pressure to replace or demote the first language, a subtractive form of bilingualism may occur. This may relate to a less positive self-concept, loss of cultural or ethnic identity, with possible alienation or marginalization.” (BAKER, 2001, p. 114).

¹² Existe outro termo semelhante, o bilinguismo recessivo, que de acordo com Chediak (2019), acontece quando uma língua se encontra em processo de desgaste.

em que dois idiomas são amplamente falados, é comum alternar códigos, isto é, alternar entre dois idiomas de uma maneira governada por regras dentro do mesmo turno de conversação”¹³. As famílias de comunidades de imigrantes costumam fazer uso desse recurso, pois além de utilizar a língua oficial do país, também utilizam a língua da família para se comunicar. Ademais, a troca de códigos acontece com a maioria das pessoas que falam duas ou mais línguas.

Apesar de muitas vezes os falantes bilíngues alternarem de um idioma para outro acidentalmente, em outras situações, essa mudança é feita com finalidades específicas. Nesse sentido, King e Mackey (2007, p. 191), explicam que

a troca de código pode ser usada para promover a solidariedade, para fazer um ponto específico, para atravessar nuances sutis que talvez não sejam possíveis de transmitir através de um único idioma ou para fazer muitas outras coisas criativas e funcionais com o idioma.¹⁴

Dessa forma, muitas vezes, os falantes bilíngues trocam de idioma para manter uma relação mais próxima com outro falante; no entanto, o contrário também acontece, isto é, quando um falante opta por trocar de língua para excluir da conversa uma pessoa que não entende o segundo idioma. Além disso, em casos de falta de domínio em um dos idiomas, a troca de códigos é utilizada como recurso para uma melhor compreensão numa conversa e, ainda, pode servir para ganhar um argumento numa discussão.

Segundo King e Mackey (2007, p. 194), “ser capaz de trocar de código com sucesso significa que o falante tem uma compreensão gramatical detalhada dos dois idiomas, incluindo o que pode e o que não pode ser feito em ambos”¹⁵. Nesse sentido, com o tempo, os falantes também tendem a aprender quando é apropriado trocar de língua para falar com uma determinada pessoa e quando este pode usar as duas línguas ao mesmo tempo. Logo, esse fenômeno pode parecer confuso para

¹³ Na original: “In some communities where two languages are widely spoken, it is common to code-switch, that is, to move back and forth between two languages in a rule-governed way within the same conversational turn.” (KING, MACKEY; 2007, p. 190).

¹⁴ Na original: “Code-switching can be used to promote solidarity, to make a particular point, to get across subtle nuances that might not be possible to convey through one language alone, or to do many other creative and functional things with language.” (KING, MACKEY; 2007, p. 191).

¹⁵ Na original: “being able to code-switch successfully means that the speaker has a detailed grammatical understanding of both languages, including what can and can’t be done in both.” (KING; MACKEY, 2007, p.194).

uma pessoa monolíngue que está de fora, por isso podemos dizer que a troca de códigos se limita a situações bilíngues.

Há quem acredite que a troca de códigos seja um problema que deve, portanto, ser evitado. No entanto, segundo King e Mackey (2007), não existem evidências de que esse fenômeno tenha efeitos negativos no desenvolvimento bilíngue da criança, bem pelo contrário, para os autores, ele é um recurso muito valioso na vida dos indivíduos. Assim, entende-se que a troca de código é apenas um processo natural que ocorre com indivíduos que falam mais de um idioma e que, ao contrário do que muitos pensam, não é ruim para os falantes. Segundo King e Mackey, (2007, p. 195),

essa atitude de “portas fechadas” em relação à troca de código existe em parte porque as pessoas tendem a pensar que a troca de código é o resultado de uma falta de conhecimento (quando, como acabamos de mostrar, o inverso é realmente verdade). Este estereótipo negativo é lamentável e impreciso.¹⁶

Também relacionado à mudança de código, mais recentemente, tem se ouvido falar no termo “translanguaging”¹⁷, que, de acordo com García e Kano (2014, p. 260), refere-se a maneira como “falantes bilíngues selecionam recursos de idioma de um repertório e 'montam suavemente' suas práticas linguísticas de maneira que se ajustem às situações comunicativas”¹⁸. Nesse sentido, entende-se que a translanguagem trata-se de um processo utilizado por falantes bilíngues e multilíngues, que diz respeito à forma como eles usam as línguas em diferentes ambientes e situações, à forma como eles acessam e usam as línguas que constituem o seu repertório linguístico.

Os falantes bilíngues também podem misturar dois ou mais idiomas numa conversa. A esse fenômeno damos o nome de mistura de código ou “code-mixing”, em inglês. De acordo com King e Mackey (2007, p. 27) “a mistura de idiomas é uma

¹⁶ Na original: “This “behind-closed-doors” attitude toward code-switching exists in part because people tend to think that code-switching is the result of a lack of knowledge (when, as we’ve just shown, the reverse is actually true). This negative stereotyping is unfortunate as well as inaccurate.” (KING; MACKAY, 2007, p. 195).

¹⁷ translanguagem

¹⁸ Na original: “bilingual speakers select language features from a repertoire and ‘soft assemble’ their language practices in ways that fit their communicative situations” (GARCÍA; KANO, 2014, p. 260).

fase normal do desenvolvimento da linguagem bilíngue”¹⁹. Nessa fase, palavras ou frases de duas línguas ou variedades são misturadas numa mesma sentença devido a fragilidade dos falantes em relação a um dos idiomas.

Ainda segundo essas autoras, King e Mackey (2007), a mistura de código é uma fase de curto prazo para crianças aprendendo duas línguas e, além disso, ela resulta da falta de domínio dos falantes. Apesar de elas sugerirem que essa é uma fase que passa pela maioria das crianças, é preciso considerar que jovens e adultos em fase de aprendizagem de uma nova língua passam pela mesma situação, pois, nesse período, é comum existir certa falta de domínio do novo idioma.

A mistura de códigos é, também, muitas vezes, confundida com a troca de códigos, porém, apesar de serem parecidas, elas possuem funções diferentes. A diferença entre esses dois fenômenos é explicada por King e Mackey (2007, p.194),

A mistura de códigos descreve como os alunos de idiomas combinam dois idiomas devido ao conhecimento incompleto de um dos dois idiomas. A troca de código, por outro lado, é comum entre adultos e crianças altamente proficientes, e um sinal de domínio de duas línguas.²⁰

Portanto, em resumo, ambos os fenômenos são limitados aos falantes de comunidades bilíngues e são utilizados como estratégias em diversas situações de contato. Como também visto, são termos muito próximos, por isso eles têm sido alvos de diversas pesquisas.

Como são muitos os processos do uso de uma língua, falaremos sobre mais questões relacionadas ao bilinguismo nas próximas seções.

2.2 BILINGUISMO SOCIETAL

Até o momento, discutimos sobre o bilinguismo e a sua relação com o indivíduo, no entanto faz-se também importante reconhecer o bilinguismo na sociedade.

¹⁹ Na original: Mixing languages is a normal phase of bilingual language development. (KING; MACKEY, 2007, p. 27).

²⁰ Na original: “Code-mixing describes how language learners combine two languages due to incomplete knowledge of one or both language(s). Code-switching, in contrast, is common among highly proficient adults and children, and a sign of mastery of two languages.” (KING; MACKEY, 2007, p. 194).

De acordo com Harding Esch e Riley (2003), existem três tipos de nações: as oficialmente monolíngues, as oficialmente bilíngues e as oficialmente multilíngues. Segundo os autores, as nações oficialmente monolíngues, como Alemanha e França, são aquelas em que “a língua oficial é a língua materna da maioria dos habitantes”²¹. (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 30). Essas são as nações em que apenas uma língua é utilizada pela maioria dos habitantes, mas isso não significa que grande parte deles não saiba falar mais línguas. Os referidos autores também apresentam as nações oficialmente bilíngues, que são aquelas em que duas ou mais línguas são reconhecidas oficialmente. Nesse tipo de nação, os autores citam como exemplo países como Canadá e Finlândia. Por último, temos também nações como a Suíça, que é considerada oficialmente multilíngue. De acordo com os pesquisadores, em nações como essa, vários idiomas são considerados oficiais.

Os autores destacam que essas são definições da sociedade e não necessariamente representam a realidade linguística de seus habitantes. Tendo esses três tipos de nações em vista, Harding Esch e Riley (2003, p. 31) explicam que,

É importante perceber, então, que rótulos oficiais como "monolíngue", "bilíngue" ou "multilíngue" têm pouco a ver com a distribuição real do bilinguismo. Esses rótulos são mais bem compreendidos como declarações políticas de atitude em relação a grupos minoritários do que como indicações estatísticas do grau de bilinguismo entre os habitantes do país.²²

A partir desse ponto de vista, conclui-se que o fato de um indivíduo estar inserido numa sociedade bilíngue ou multilíngue pode não significar que ele se comunica com duas ou mais línguas, ou seja, um indivíduo pode ser monolíngue dentro de uma sociedade bilíngue ou multilíngue. Além disso, Mackey (1967 *apud* HARDING-ESCH; RILEY, 2003), explica que, muitas vezes, as nações bilíngues têm apenas o intuito de manter o uso de duas línguas e não de promover o bilinguismo. Assim, o inverso também pode acontecer, pois, segundo Grosjean (1982), em

²¹ Na original: “the official language is the mother tongue of most of the inhabitants” HARDING- ESCH; RILEY, 2003, p. 30).

²² Na original: “It is important to realise, then, that official labels like ‘monolingual’, ‘bilingual’, or ‘multilingual’ have little to do with the actual distribution of bilingualism. Such labels are better understood as political statements of attitude towards minority groups rather than as statistical indications of the degree of bilingualism amongst the country’s inhabitants.” (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 31).

muitos países oficialmente monolíngues existe uma porcentagem significativa de indivíduos que se comunicam em duas ou mais línguas.

Além disso, é também importante reconhecer que, no Brasil, existem políticas públicas estabelecidas pelo governo para atingir bons resultados em diferentes áreas. Assim como a saúde, a educação, o meio ambiente, o transporte e outros demais setores, a língua também possui referências de política. Nas palavras de Zandwais (2013 *apud* PASINATTO, 2019, p.151),

A língua é o objeto simbólico que atribui “personalidade” a uma nação, tratando -se de um dos elemento que é partilhado pelos membros de um Estado-nação com o objetivo de comunicação, se constituindo, dessa maneira, em um aspecto que deságua na identidade dos sujeitos e na identificação destes com os demais.

Em relação à língua, durante muitos anos, o Brasil adotou uma política monolíngue, em que o português era a única língua oficial do país. No entanto, em abril de 2002, por meio da lei número 10.436 / 2002, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) passou a ser reconhecida como a segunda língua oficial do Brasil. LIBRAS tornou-se uma língua oficial, pois sentiu-se que os indivíduos com deficiência auditiva, e sua respectiva língua, não eram tão reconhecidos pela sociedade. Além disso, o Brasil é um exemplo de nação bilíngue em que nem todos os seus habitantes falam as duas línguas oficiais. Como percebemos, a maior parte da população não utiliza a LIBRAS por não ter necessidade em usar essa língua, visto que ela é destinada principalmente para a população com deficiência auditiva, que pertence à minoria.

Hoje, além das duas línguas oficiais do país, temos também as línguas co-oficiais, que segundo o IPOL²³, estão sendo inseridas desde 2002. Essas línguas são consideradas co-oficiais dentro de determinados municípios, que lutaram pelo seu reconhecimento e co-oficialização. De acordo com IPOL (2018), até o momento, 11 idiomas foram co-oficiados em 30 municípios diferentes. Dentre esses idiomas co-oficiais está a variedade alemã Hunsrückisch que é falada na cidade de Nova Petrópolis, no entanto, de acordo com IPOL, essa variedade é considerada co-oficial somente nas cidades de Antônio Carlos / SC (2010) e Santa Maria do Herval / RS (2010). Portanto, além das línguas oficiais e co-oficiais, várias outras línguas são

²³ Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística.

faladas e utilizadas pelos brasileiros, as quais são todas influenciadas de uma maneira pela política linguística nacional.

Faz-se também necessário entender que em alguns momentos da história brasileira, as políticas linguísticas desmotivaram a manutenção ou estímulo do bilinguismo. De acordo com Quadros (2017, p. 3-4),

As políticas linguísticas brasileiras sempre favoreceram o uso do português e até impuseram essa língua por vários anos. Foram essas políticas que desfavorecem o bilinguismo, exigindo o uso do português e estabelecendo atitudes negativas em relação às demais línguas utilizadas nessas comunidades. Em alguns momentos da história brasileira, ações impuseram a assimilação e a “erradicação” das línguas indígenas e das línguas de imigrantes.

Essa desmotivação para com o bilinguismo já acontecia durante a política educacional do governo Getúlio Vargas, pois entre as medidas adotadas pelo seu governo, no ano de 1939, estava “a interdição oficial das línguas dos imigrantes, para qual foi criada inclusive uma legislação específica e campanhas de nacionalização do ensino primário”²⁴. (PASINATTO, 2019, p. 164). Dessa forma, durante esse período e nos anos seguintes, muitos imigrantes e demais falantes de línguas minoritárias se sentiram obrigados a usar somente o português, deixando de lado suas línguas maternas.

Contudo, a ideia de o Brasil ser um país monolíngue pode ser considerada um mito, pois, como sabemos, o país possui uma enorme diversidade linguística em que, além do português, muitas outras línguas indígenas, de imigração e de sinais são faladas pela população. Além desse, existem muitos outros mitos em relação à linguagem. King e Mackey (2007, p.17) explicam que esses mitos relacionados à aprendizagem de línguas

significam uma sabedoria popular que amigos, pais, avós, vizinhos e até mesmo pediatras e professores bem intencionados dizem repetidas vezes. De tanto ouvirmos, acabamos acreditando e os usando como um meio para descrever e dar sentido a algo que está ao nosso redor.

²⁴ O Decreto-lei pode ser consultado no seguinte endereço:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1545-25-agosto-1939-411654-publicacaooriginal-1-pe.html>.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, 2005, BAGNO 1999, 2003 e ACHARD, 1989 *apud* FRITZEN, 2008), o mito do monolinguismo, que foi propagado no Brasil, teve o objetivo de apagar as línguas minoritárias e de imigração, a favor de um Estado-Nação homogêneo, que não aceita o plural. Portanto, ainda hoje, as línguas faladas pelas minorias recebem certa carga de preconceito, pois a percepção dominante, passada durante todos esses anos é de que no país se fala apenas uma língua. Ongaratto (2010) também aborda esse assunto na sua pesquisa de conclusão de curso sobre o uso da variedade italiana Talian e explica que é inevitável que as línguas minoritárias sejam descriminalizadas, devido a essa crença que está presente na população.

Berger (2011) explica que são as famílias étnicas, de imigrantes e de comunidades surdas que sofrem preconceito e ressalta que isso acontece devido à grande parte da população acreditar que o português é a única língua falada no Brasil. Nesse sentido, Quadros (2017) cita o castelhano e o guarani como línguas desqualificadas perante o português, porém, além dessas, podemos citar a variedade alemã falada no município alvo da pesquisa. Apesar de, na cidade, haver um forte incentivo à manutenção das línguas trazidas pelos imigrantes alemães, a variedade é considerada inferior ao português por ser usada pela minoria, por ser utilizada com frequência por comunidades do interior e por ser inferior ao alemão padrão. Além disso, Berger (2011) também explica que, até hoje, algumas escolas focam apenas no ensino da língua portuguesa, mantendo um preconceito para com as demais línguas. Outras vezes, o ensino é focado na língua portuguesa por não haver um prestígio da língua da comunidade ou por apenas seguirem o que é pedido pelo MEC²⁵. Dessa forma, enquanto as pessoas continuarem acreditando que o Brasil é um país monolíngue, as línguas dos imigrantes, indígenas e outras demais línguas minoritárias, serão desqualificadas perante o português.

Apesar das atitudes históricas que sempre favoreceram o uso da língua portuguesa, muitas famílias resistiram e continuaram utilizando essas línguas. Um grande avanço em relação ao uso desses idiomas aconteceu na Constituição Federal de 1988²⁶, a qual, no art. 231, reconhece “aos índios sua organização social,

²⁵ Ministério da Educação, órgão do governo federal do Brasil.

²⁶ Conjunto de leis fundamentais que organiza e rege o funcionamento de um país. A Constituição Federal de 1988 ficou conhecida como "Constituição Cidadã", por ter sido concebida no processo de redemocratização, iniciado com o encerramento da ditadura militar no Brasil (1964–1985).

costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.” (Constituição Federal de 1988). Ademais, Quadros (2017), explica que atualmente também existe uma mudança com incentivo a resistência do uso de línguas de imigrantes, no entanto a história política dessas línguas ainda interfere no seu uso.

Como já mencionado, a cidade alvo da pesquisa possui comunidades de descendentes de imigrantes alemães, nas quais a variedade alemã falada pelos indivíduos está dentro dos grupos considerados como minoritários e desprestigiados em nosso país. A questão de línguas minoritárias e de prestígio será explorada nas próximas seções.

2.3 BILINGUISMO E MULTICULTURALISMO

Vivemos em um mundo globalizado, que, além de ser repleto de uma grande variedade de línguas, também é repleto de uma grande variedade de culturas. No Brasil, assim como em muitos outros países, essa pluralidade linguística e cultural se dá em consequência dos diversos povos que aqui foram se instalando ao longo da história. Devido a existência dessa ampla variedade de culturas e etnias, o Brasil e esses países podem ser considerados multiculturais, por carregarem consigo os costumes e tradições de culturas de diversos povos.

De acordo com Baker (2001, p. 402), “o multiculturalismo tem como fundamento o ideal da existência igual, harmoniosa e tolerante entre si de diversas línguas e de diferentes grupos religiosos, culturais e étnicos em uma sociedade pluralista”²⁷. Nesse sentido, indivíduos multiculturais possuem uma visão mais ampla do mundo, da história e dos costumes da sociedade, pois eles têm uma perspectiva múltipla disso tudo, diferentemente dos indivíduos que convivem com apenas uma cultura.

Ainda de acordo com Baker (2001), quando o multiculturalismo atinge o seu melhor, o preconceito e o racismo saem, permanecendo empatia e sensibilidade. Dessa forma, entende-se que além de existirem relações harmoniosas entre as

²⁷ Na original: “Multiculturalism has, as one foundation, the ideal of equal, harmonious, mutually tolerant existence of diverse languages, and of different religious, cultural and ethnic groups in a pluralist society.” (BAKER, 2001, p. 402).

diversas culturas, também é comum encontrarmos preconceito e desigualdades em relação a elas, uma vez que existem pessoas que não respeitam identidades culturais diferentes das suas. Além disso, Baker (2001, p. 403) também explica que “uma pessoa multicultural tem mais respeito por outras pessoas e outras culturas do que a pessoa monocultural, que é estereotipicamente mais culturalmente insular e introspectiva”²⁸.

Como mencionado anteriormente, o processo imigratório foi de extrema relevância na formação cultural do país, visto que, com a chegada dos imigrantes, novas línguas e culturas foram se instalando e tornando o país cada vez mais multicultural. Logo, pode-se dizer que língua e cultura possuem uma conexão. De acordo com Kirch (2018), língua e cultura estão entrelaçadas, pois para conhecer bem uma cultura é preciso conhecer sua língua. Baker (2001) também acredita que existe uma relação entre língua e cultura, visto que considera-as como inseparáveis e, além disso, reforça que um idioma é usado para transmitir uma cultura.

A discussão em torno desse assunto é relevante para refletirmos sobre as diferenças culturais que existem ao nosso redor e sobre a forma como lidamos com elas. Para isso, King e Mackey (2007) enfatizam a importância de compartilhar a cultura das minorias linguísticas em sala de aula, para que, desde cedo, os indivíduos aprendam a ter respeito por todas elas. Além disso, faz-se também necessário promover a conscientização da diversidade multicultural fora da sala de aula, para que toda a sociedade aceite e respeite as diferentes culturas.

2.4 LÍNGUA E DIALETO E LÍNGUA DE PRESTÍGIO

Os conceitos de língua e dialeto têm sido debatidos por muitos linguistas, os quais consideram um trabalho árduo explicar essa dicotomia. De acordo com Mané (2012, p.40), “afirmar com exatidão o número de línguas faladas no mundo é uma tarefa muito complexa devido à ambiguidade dos termos ‘língua’ e ‘dialeto’”. Dialeto e língua, portanto, não são opostos, mas se aplicam em conceitos distintos. As línguas são utilizadas como forma de comunicação entre determinados grupos de pessoas e são compostas por regras gramaticais que permitem que essas pessoas

²⁸ Na original: “a person who is multicultural has more respect for other people and other cultures than the monocultural person who is stereotypically more culturally insular and introspective.” (BAKER, 2001, p. 403).

se compreendam. Assim, segundo King e Mackey (2007), no momento em que dois falantes não se compreendem mais, é possível dizer que eles estão utilizando duas línguas.

As línguas também são compostas por diversas variações linguísticas, que podem ser compreendidas por uma série de fatores. A essas variações damos o nome de dialeto, que, segundo Myers-Scotton (2006, p. 23), é usado “para se referir a variedades linguísticas cujos falantes conseguem entender um ao outro”²⁹. A mesma autora menciona que uma língua é formada por dialetos e, também, que acredita que são dialetos, e não línguas, o que as pessoas na realidade falam. Dessa forma, entende-se que o dialeto está sempre relacionado a uma língua. Além disso, de acordo com Mané (2012, p. 51),

“Variedades de línguas são muitas vezes chamadas de dialetos porque elas não são conhecidas como línguas literárias; os falantes de uma determinada língua não têm seu próprio estado; ou porque sua língua não tem prestígio.”

Nesse sentido, a palavra “dialeto” é utilizada por muitas pessoas com um sentido pejorativo, o que acaba, muitas vezes, desmerecendo a língua, conforme é exposto por Rajagopalan (2003, p. 65): “quando a língua é considerada de menor prestígio, é quase sempre qualificada como ‘exótica’ ou até mesmo como um ‘dialeto’, e não como uma ‘língua’ propriamente dita”. À vista disso, King e Mackey (2007) também enfatizam que as línguas, tanto quanto os dialetos, possuem diferentes níveis de prestígio social. Portanto, mesmo sabendo que em termos linguísticos as línguas e os dialetos são iguais, em termos sociais eles dificilmente são, isto é, recebem valores diferentes perante a sociedade. Faraco (2007, p. 33) explica que

algumas variedades, por razões políticas, sociais e/ou culturais, adquirem uma marca de prestígio (normalmente trata-se daquelas variedades faladas por grupos privilegiados na estrutura social de poder) e outras não (cf. Gnerre, 1985). No caso da sociedade brasileira, por exemplo, as variedades rurais não têm prestígio social; só algumas variedades urbanas (não todas) é que o têm.

²⁹ Na original: “to refer to linguistic varieties whose speakers can understand each other.” (MYERS-SCOTTON, 2006, p. 23).

Entende-se, assim, que são vários os aspectos que definem se um idioma é prestigioso ou não. As línguas majoritárias, por exemplo, são geralmente vistas como as mais corretas, as mais educativas e de melhor sucesso educacional, pois elas possuem mais funções na sociedade e são usadas pela maioria. Além disso, segundo Mané (2012, p. 47),

a distinção entre língua e dialeto leva em consideração, ao mesmo tempo, seu status social e a extensão geográfica de sua utilização: enquanto uma língua tem, em muitos casos, status institucional correspondente à área de um país, e uma tradição de escrita e de literatura, um dialeto não tem o status cultural e social da língua, apesar de poder ser falado em uma área extensa.

Assim, entende-se que o termo dialeto possui um status de menor importância em relação ao termo língua, por isso essa diferença de status vem geralmente acompanhada de uma carga de preconceito às variações linguísticas.

Harding-Esch and Riley (2003) apontam três estágios de prestígio de uma língua: o alto, o médio e o baixo. De acordo com os autores, “idiomas de alto prestígio são aqueles que são considerados idiomas mundiais ou que têm algum valor econômico, religioso ou cultural especial”³⁰. (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 84). Nesse estágio, se encaixam as línguas oficiais de um país, que são faladas por classes mais altas e possuem uma forma de escrita padronizada. O inglês, por exemplo, é uma língua altamente prestigiada, que possui um alto status e é aceita por todo o mundo.

Além disso, de acordo com os autores também existem as línguas de prestígio médio. Como o próprio nome diz, elas estão num meio termo, ou seja, possuem algum nível de prestígio, mas não são acolhidas por toda a sociedade. Elas são explicadas da seguinte forma:

As línguas de prestígio médio são vistas como tendo menos significado, mas geralmente ainda são prestigiadas ou pessoalmente importantes o suficiente para merecer o esforço de manutenção, permitindo assim uma boa autoimagem na família. (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p.84)³¹

³⁰ Na original: “High prestige languages are those that are regarded as world languages, or that have some special economic, religious or cultural value.” (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 84)

³¹ Na original: “Middle prestige languages are seen as having less significance, but are usually still prestigious or personally important enough to merit the effort of maintenance, thus allowing for a good self-image in the family.” (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 84)

Por último, temos também as línguas de prestígio baixo. Segundo os autores, “as línguas de baixo prestígio, por mais entusiasticamente que possam ser promovidas por várias agências, tendem a ser vistas como antiquadas, em extinção, as línguas dos incultos, irrelevantes para o mundo moderno.” (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 85).³² Dessa forma, podemos dizer que essas são as línguas que geralmente possuem um tratamento discriminatório por parte dos falantes de classes mais altas.

Ainda em relação ao nível de prestígio de uma língua, não podemos esquecer de mencionar o termo diglossia, que é explicado por Harding-Esch e Riley (2003, p.26) da seguinte forma:

Uma forma particular de bilinguismo social é chamada de diglossia (Ferguson, 1959). De fato, em termos muito gerais, isso significa que o idioma usado em ocasiões formais, para fins oficiais e para escrita, geralmente chamado de 'alta' forma, difere do usado na conversa cotidiana comum, chamado de 'baixa' forma.³³

Segundo os mesmos autores, “onde encontramos referências a formas 'alta' e 'baixa' ou a idiomas 'clássico' ou 'padrão', geralmente podemos ter certeza de que estamos lidando com alguma forma de diglossia”³⁴. (HARDING-ESCH E RILEY, 2003, p. 27). Nesse sentido, diglossia é uma forma de bilinguismo em que uma ou duas línguas são utilizadas em contextos diferentes. Numa comunidade, por exemplo, é provável que dois idiomas não sejam usados para o mesmo objetivo. Assim, pode-se dizer que quando uma língua adquire prestígio em determinada sociedade, ela passa a ser vista como superior e ganha mais status que as outras. Além disso, o termo diglossia pode estar relacionado também a uma só língua, em momentos em que ela é usada na forma padrão e na forma coloquial, por exemplo.

Fromkin, Rodman e Hyams (2007) também defendem a ideia de que um dialeto não é uma forma inferior de uma língua e, além disso, afirmam que isso não

³² Na original: “Low prestige languages, however enthusiastically they may be promoted by various agencies, tend to be seen as old-fashioned, dying out, the languages of the uneducated, irrelevant to the modern world.” (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 85)

³³ Na original: “One particular form of social bilingualism is referred to as diglossia (Ferguson, 1959). In very general terms indeed, this means that the language used on formal occasions, for official purposes and for writing, usually referred to as ‘high’ forms, differs from that used in ordinary everyday conversation, referred to as ‘low’ forms.” (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 26).

³⁴ Na original: “Where we come across references to ‘high’ and ‘low’ forms or to ‘classical’ or ‘standard’ languages, we can usually be sure that we are dealing with some form of diglossia.” (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p.27).

seria possível, pois uma língua é formada por um conjunto de dialetos. Quando duas variações possuem estruturas linguísticas diferentes, mas são parecidas o suficiente para que os falantes a compreendam, é possível dizer, segundo Myers-Scotton (2006), que há dois dialetos de uma mesma língua. Na cidade pesquisada, por exemplo, a variação do alemão utilizada pela maioria dos falantes é o Hunsrückisch, porém também existem algumas pessoas que falam a variedade alemã Pomerana³⁵. Sabe-se que essas duas variações possuem uma estrutura linguística diferente, no entanto o fato de elas serem parecidas faz com que ambos os falantes se entendam. A mesma situação acontece quando as pessoas da cidade se comunicam com falantes do alemão padrão.

Além disso, de acordo com Mané (2012, p. 44), “toda língua que se usa numa área relativamente extensa é falada de maneiras diferentes conforme os lugares: são seus dialetos regionais.” Dessa forma, temos a capacidade de reconhecer pessoas desconhecidas quando as ouvimos falar e isso mostra, conforme o mesmo autor, que cada pessoa tem uma maneira característica de falar, diferente das outras. Em vista disso, faz-se importante reconhecer que diferentes sons não são marcas de dialeto, mas sim de sotaque. Segundo Mané, (2012, p. 42),

o sentido técnico de sotaque é a maneira de pronúncia. Nesse sentido, acredita-se que cada um fala com um sotaque, pois é impossível pronunciar as palavras da mesma maneira. A noção de sotaque refere-se à maneira pela qual um falante pronuncia, e, portanto, refere-se a uma variedade que é foneticamente e/ou fonologicamente diferente das outras.

Nesse sentido, dialeto e sotaque não representam a mesma coisa. Os dialetos são compostos por diferentes sotaques, que podem variar de região para região. Já os sotaques são apenas a diferença na pronúncia das pessoas, ou seja, a diferença nos sons de suas falas. Quanto a isso, Harding-Esch e Riley (2003) reforçam que todos nós falamos um dialeto e, além disso, também acreditam que todos nós temos sotaque.

Entende-se, assim, que para compreender os conceitos de língua e dialeto é preciso enquadrá-los em níveis geográficos, políticos, históricos e linguísticos, visto que, com o tempo, ambos estão sujeitos a mudanças. Além disso, podemos dizer que eles estão muito ligados ao status social, pois, conforme Mané (2012, p. 47), “a

³⁵ Variedade alemã falada por descendentes de pomeranos.

língua é um dialeto que tem poder, enquanto o dialeto é uma língua que não tem poder”. Dessa forma, mesmo sendo parecidos em termos linguísticos, em termos sociais geralmente são diferentes e, com isso, o uso de algumas línguas acaba ganhando mais prestígio que o de outras.

2.5 LÍNGUA MINORITÁRIA E DE HERANÇA

Os imigrantes alemães que se instalaram em Nova Petrópolis, trouxeram à cidade novas culturas, tradições e, principalmente, novas línguas. Atualmente, perante o português, essas línguas e variedades são consideradas minoritárias. De acordo com Myers-Scotton (2006, p.46), as línguas minoritárias são aquelas utilizadas por “grupos em um país que não possuem um grande número de falantes de língua materna quando comparados ao grupo cuja primeira língua é o idioma oficial”³⁶. Dessa forma, a variedade alemã falada hoje na cidade, assim como muitas outras línguas e variedades faladas por uma minoria no país, é considerada língua minoritária.

Essas línguas, além de serem assim nomeadas por fazerem parte da comunicação de grupos minoritários da população de um país, são também consideradas minoritárias por possuírem menos prestígio que outras em termos econômicos, políticos e sociais. Segundo Baker (2001, p. 68), “as minorias linguísticas estão mais frequentemente em um status subordinado às maiorias linguísticas”³⁷. Logo, essas línguas não têm o mesmo status que a língua oficial de um país.

As línguas minoritárias são usadas geralmente em ambiente familiar e em comunidade. De acordo com Baker (2001, p. 44)

uma comunidade de idiomas pode usar um idioma minoritário em casa, para fins religiosos e em atividades sociais, mas usa o idioma majoritário no trabalho, na educação e ao experimentar a mídia de massa.³⁸

³⁶ Na original: “groups in a nation state that do not have large numbers of mother tongue speakers when compared with the group whose L1 is the official language.” (MYERS-SCOTTON, 2006, p.46)

³⁷ Na original: “Language minorities are more often in subordinate status to a language majority.” (BAKER, 2001, p.68).

³⁸ Na original: “a language community may use a minority language in the home, for religious purposes and in social activity, but use the majority language at work, in education and when experiencing the mass media.” (BAKER, 2001, p. 44).

Assim, em geral, as famílias que moram na zona rural possuem mais facilidade em manter essa língua, pois as que moram na zona urbana têm mais necessidade de falar a língua majoritária da cidade. Nesse sentido, Baker (2001, p. 71) explica que

é mais provável que um idioma minoritário seja preservado em uma área rural do que em uma área urbana. Uma vez que a migração das pessoas rurais para as áreas urbanas ocorra, há uma chance maior de a língua minoritária perder sua função de trabalho.³⁹

Ainda segundo o mesmo autor, “pessoas mais jovens (por exemplo, imigrantes de segunda geração) podem rejeitar o idioma minoritário em favor do idioma majoritário por causa de seu status mais alto e imagem mais moderna”⁴⁰. (BAKER, 2001, p. 14). Assim, por se tratar de idiomas usados mais frequentemente em áreas rurais, as línguas minoritárias também possuem um tratamento discriminatório por parte da maioria. Esse tipo de tratamento acontece, pois, muitas vezes, essas línguas estão ligadas a famílias que vivem no interior e não possuem muito contato com os falantes da língua majoritária. À vista disso, os falantes da língua minoritária preferem, muitas vezes, não a utilizarem por se sentirem menosprezados.

As línguas minoritárias, assim como as majoritárias, também fazem parte da construção da identidade de um indivíduo. De acordo com Harding-Esch e Riley (2003), as pessoas assumem uma certa identidade ao falar um idioma. A relação entre língua e identidade também é explicada por Baker (2001, p.51)

Os idiomas expressam identidade. A identidade diz respeito às características compartilhadas dos membros de um grupo, comunidade ou região. A identidade fornece a segurança e o status de uma existência compartilhada. Às vezes, a identidade é via vestuário, crenças religiosas, rituais, mas a linguagem está quase sempre presente na formação e na exibição da identidade. A linguagem é um índice, símbolo e marcador de identidade.⁴¹

³⁹ Na original: “a minority language is more likely to be preserved in a rural than an urban area. Once the migration of rural people to urban areas occurs, there is an increased chance of the minority language losing its work function.” (BAKER, 2001, p. 71).

⁴⁰Na original: “Younger folk (e.g. second-generation immigrants) may reject the minority language in favour of the majority language because of its higher status and more fashionable image.” (BAKER, 2001, p. 14).

⁴¹ Na original: “Languages express identity. Identity concerns the shared characteristics of members of a group, community or region. Identity provides the security and status of a shared existence.

Nesse sentido, entende-se que além da linguagem, vários outros fatores fazem parte da formação da identidade de um indivíduo. Ela está, por exemplo, muito relacionada ao contexto em que as pessoas vivem, à comunidade em que elas estão inseridas, às roupas que elas vestem, às crenças que elas têm e a vários outros aspectos culturais. Harding-Esch e Riley (2003, p.27) enfatizam que os fatores que determinam a identidade de um indivíduo podem ser “um composto de influências históricas, geográficas, étnicas, religiosas, econômicas e psicológicas”⁴². Portanto, mesmo com todos esses fatores, os autores reforçam que a linguagem é um dos mais fortes indicadores de uma identidade.

Além disso, também é importante ressaltar que as identidades estão em constante desenvolvimento. Sobre isso, Dubar (1991, p.07 *apud* SANTANA, 2012, p.51) explica que

a identidade humana não é obtida de uma vez por todas no nascimento: ela se constrói na infância e, doravante, deve se reconstruir ao longo da vida. O indivíduo nunca a constrói sozinho; ela depende dos julgamentos dos outros quanto suas orientações e das definições de si. [...] A identidade é ao mesmo tempo estável e provisória, individual e coletiva, subjetiva e objetiva, biográfica e estrutural, dos diversos processos de socialização que constroem os indivíduos e definem as instituições.

Compreende-se, portanto, que a construção da identidade de um indivíduo acontece ao longo de sua vida, uma vez que se trata de um processo contínuo que envolve diversas condições. Dentre essas condições estão, por exemplo, o grupo de pessoas em que o indivíduo está inserido e o contexto social em que ele está introduzido. Logo, pode-se dizer que as pessoas estão em um contínuo processo de construção e reconstrução de identidade.

A língua minoritária também é, muitas vezes, a língua de herança de uma família, ou seja, é aquela língua que é adquirida em ambiente familiar e que é geralmente mantida com uma relação afetiva pelos seus falantes. De acordo com King e Mackey (2007, p. 11), “uma língua de herança é aquela que foi falada pelas gerações anteriores e que frequentemente tem algum significado especial para a

Sometimes identity is via dress, religious beliefs, rituals, but language is almost always present in identity formation and identity display. Language is an index, symbol and marker of identity.” (BAKER, 2001, p. 51).

⁴² Na original: “a compound of historical, geographical, ethnic, religious, economic and psychological influences.” (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 27).

família”⁴³. Devido a essa relação da língua com a identidade de uma família, muitos pais valorizam e buscam a manutenção dela para os seus filhos.

King e Mackey (2007, p.22) também realçam que

para muitos pais, falar a língua de herança da família não é tanto sobre a necessidade de se comunicar com os outros imediatamente, mas sobre a necessidade de saber quem eles são e de onde vieram, para dar à família um senso de herança e promover a proximidade entre pais e filhos.⁴⁴

Nesse sentido, a língua de herança além de possibilitar a comunicação entre os membros de uma família, também dá aos falantes o orgulho da sua própria identidade. Em vista disso, King e Mackey (2007, p. 233) realçam que “a língua dos antepassados de uma família deve ser valorizada e transmitida às futuras gerações”. Assim, entende-se que a língua de herança é também extremamente importante para manter as tradições culturais de uma família, por isso é importante que ela seja passada de geração para geração.

Para que uma língua minoritária tenha chance de sucesso a longo prazo, é relevante que os pais mantenham seus filhos em contato com ela desde a infância, a inserindo em todos os tipos de eventos. Baker (2001, p. 82) explica que

a língua minoritária precisa estar inserida na experiência de família – bairro – comunidade e na economia da família. A menos que isso aconteça, é improvável que crianças com educação bilíngue passem a língua minoritária para a próxima geração.⁴⁵

Se os falantes dessa língua não a usarem com frequência, dentro de alguns anos ela tem a chance de desaparecer totalmente da vida desses indivíduos. A importância de se passar uma língua minoritária de geração para geração também é explicada por Baker (2001, p.64)

Quando os falantes de idiomas minoritários se tornam bilíngues e preferem o idioma majoritário, a penalidade para o idioma minoritário pode ser

⁴³ Na original: “A heritage language is one that has been spoken by previous generations and that often has some special meaning for the family.” (KING; MACKEY, 2007, p. 11).

⁴⁴ Na original: “for many parents, speaking the family’s heritage language is not so much about the need to communicate with others immediately around them, but rather about the need to know who they are and where they came from, to provide the family with a sense of heritage and to foster closeness between parents and children.” (KING; MACKEY 2007, p.22).

⁴⁵ Na original: “The minority language needs to be embedded in the family–neighborhood–community experience and in the economics of the family. Unless this happens, it is unlikely that bilingually educated children will pass on the minority language to the next generation.” (BAKER, 2001, p. 82).

declínio, até morte. No entanto, onde as pessoas estão determinadas a manter um idioma vivo, pode ser impossível destruir um idioma.⁴⁶

Manter uma língua de herança, assim como uma língua minoritária, faz parte, portanto, da escolha dos indivíduos. Para isso, é essencial que eles compreendam a importância de se manter essas línguas, para que elas sejam passadas de geração para geração. Faz-se também necessário reverter o sentimento de inferioridade dos falantes em relação ao uso da língua majoritária, para que não deixem de falar uma língua só por saberem que existe um tratamento discriminatório por parte de alguns indivíduos.

Nas seções anteriores, foram levantadas questões importantes para a elaboração deste trabalho. Entre elas, estava o bilinguismo, e dentro deste tópico, vários aspectos relacionados ao assunto, como tipos de bilinguismo, aquisição da linguagem, alternância e mistura de códigos, além de discussões sobre o bilinguismo na sociedade. Além disso, também foram apresentadas discussões sobre língua e dialeto/variedade, língua minoritária, língua de prestígio e língua de herança. O próximo capítulo será dedicado à metodologia da pesquisa.

⁴⁶ Na original: "When minority language speakers become bilingual and prefer the majority language, the penalty for the minority language may be decline, even death. Yet, where people are determined to keep a language alive, it may be impossible to destroy a language." (BAKER, 2001, p.64).

3 METODOLOGIA

No capítulo anterior, foi apresentada a fundamentação teórica que contribuiu para a construção da presente pesquisa. Neste capítulo, são apresentados os meios utilizados para a realização deste estudo, bem como a descrição dos membros da família participante e da região em que ele foi realizado.

Embora na cidade de Nova Petrópolis muitas famílias ainda possuem o costume de falar a variedade alemã Hunsrückisch, ao longo dos anos, algumas famílias deixaram de usar a língua e de ensiná-la para novas gerações. Tenho verificado esse fato pelo meu entorno, pela experiência que eu mesma vivi na minha família e pelos outros diversos casos que tenho observado em demais famílias da cidade.

A fim de verificar isso de modo situado, uma família bilíngue, que reside na cidade de Nova Petrópolis, foi escolhida para participar deste estudo, no qual quatro gerações desta mesma família responderam a questionários e entrevistas. Com isso, este estudo busca analisar aspectos sobre o uso e a manutenção da variedade alemã Hunsrückisch entre as gerações, além de identificar as experiências que esses falantes têm com a variedade alemã e com o português, entender como eles interagem com os dois idiomas e identificar fatores sobre o bilinguismo desses integrantes.

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, pois de acordo com Liebscher (1998, p.669),

Os métodos qualitativos, por outro lado, são apropriados quando os fenômenos em estudo são complexos, são de natureza social e não se prestam à quantificação. Normalmente, métodos qualitativos são usados para entender o contexto cultural do qual as pessoas derivam significado é um elemento importante de um estudo. Esse contexto cultural geralmente não é suscetível de quantificação e agregação e, portanto, geralmente é ignorado em estudos quantitativos⁴⁷

⁴⁷ Na original: "Qualitative methods, on the other hand, are appropriate when the phenomena under study are complex, are social in nature, and do not lend themselves to quantification. Typically, qualitative methods are used when understanding the cultural context from which people derive meaning is an important element of a study. Such cultural context is usually not susceptible to quantification and aggregation and is, therefore, usually ignored in quantitative studies." (LIEBSCHER, 1998, p. 669).

Nesse sentido, esse tipo de pesquisa não quantifica os fatos, mas, sim, analisa o comportamento e as experiências individuais de alguns sujeitos. Além disso, de acordo com Gerhart e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa busca explicar o “como” e o “porquê” das coisas, por isso esta pesquisa é considerada qualitativa, pois pretende-se entender o “como” e o “porquê”, ou não, do uso da variedade alemã Hunsrückisch nas quatro gerações desta família.

O capítulo está dividido em quatro seções. Na primeira, é apresentada a localidade e a sua relação com a língua alemã. Na segunda seção, são apresentados os participantes. Na terceira, é explicado o processo de coleta de dados e, na quarta, é explicada a organização da análise dos dados.

3.1 A LOCALIDADE E A SUA RELAÇÃO COM A LÍNGUA ALEMÃ

A presente pesquisa foi realizada na cidade de Nova Petrópolis, localizada no estado do Rio Grande do Sul. Colonizada por imigrantes alemães, a cidade mantém vivos vários traços da cultura alemã, que é facilmente percebida pela sua arquitetura germânica, pela culinária tipicamente alemã, pelas festas populares (como o Kerb) e principalmente pelo uso da variedade alemã Hunsrückisch, que é falada por muitos de seus habitantes. Por conter essas características germânicas, o município pertence também a Rota Romântica. Em vista disso, faz-se necessário entender um pouco da história da imigração alemã na cidade de Nova Petrópolis, para compreender também a importância da língua alemã na cidade.

Fundada em 7 de setembro de 1858, Nova Petrópolis é uma das Colônias Provinciais do Rio Grande do Sul. Os imigrantes alemães que chegaram nesse período, “eram na maior parte oriundos dos “Estados Alemães”: Pomeranos, Saxões, Renanos e Boêmios do Império Austro-Húngaro.” (Nova Petrópolis, 2019). Segundo Schmitt (2019), a vinda desses imigrantes à região foi planejada pelo Império Brasileiro como instrumento de pressão para a retirada dos indígenas que viviam lá anteriormente.

Ao se instalarem na região, de acordo com Schmitt (2019), os imigrantes enfrentaram alguns desafios, entre os quais estavam a construção de casas para moradia e a abertura de estradas. Além disso, não existiam escolas, por isso os imigrantes foram obrigados a criarem suas próprias escolas, nas quais as aulas

eram ministradas em alemão. (Nova Petrópolis, 2019). Assim, além da estrutura educacional, os imigrantes também tiveram que estruturar-se religiosamente e socialmente.

Com o passar dos anos, devido ao fato de a identidade alemã ter ficado cada vez mais forte, vários professores de língua portuguesa foram enviados pelo governo à região. (SCHMITT, 2019). Dessa forma, a língua portuguesa somente começou a ser incorporada quando se tornou necessária devido às situações comunicativas do dia a dia. Entretanto, era desenvolvida pelas crianças apenas nas escolas, isto é, elas primeiramente aprendiam a ler e a escrever em alemão nas suas casas e posteriormente aprendiam o português nas escolas. Com isso, é possível entender o porquê parte da população de Nova Petrópolis ser bilíngue português/Hunsrückisch.

No entanto, é também importante lembrar que, como já visto anteriormente, as políticas linguísticas nem sempre foram a favor do bilinguismo, uma vez que, em alguns momentos da história, exigiam o uso exclusivo da língua portuguesa. Em 1942, devido à posição do Brasil contrário ao regime alemão na II Guerra Mundial, um ambiente de perseguição político foi criado, resultando na decadência de toda a região. (Nova Petrópolis, 2019). Durante esse período, o uso da língua alemã foi proibido, afetando assim os imigrantes da cidade que se sentiram obrigados a usar somente o português, deixando de lado suas línguas maternas.

Atualmente, a variedade alemã Hunsrückisch ainda é bastante falada pela maioria dos habitantes, principalmente aqueles que vivem no interior do município. O idioma faz parte da identidade do povo neo-petropolitano e está presente tanto no âmbito familiar como nos demais meios sociais. Além disso, ele também possibilita a convivência dos moradores mais jovens com os mais idosos, pois ainda existem pessoas de mais idade que utilizam somente a variedade alemã para se comunicar. Ademais, é importante mencionar que, de acordo com Bortollo, Gomes e Schlindwein (2013), um dos motivos para a manutenção da língua alemã pelos imigrantes foi a tentativa de cultivarem seus laços/tradições com a Alemanha. Por isso, hoje em dia, muitos familiares da região de Nova Petrópolis ainda proporcionam educação bilíngue (português/Hunsrückisch) a seus filhos, para que as tradições sejam mantidas.

Ademais, a preservação dos costumes e da língua alemã são também um atrativo para os turistas, que ao visitarem a cidade também apreciam os pontos

turísticos que registram a história da imigração alemã, como o Parque Aldeia do Imigrante e as Esculturas Parque Pedras do Silêncio. Atualmente, Nova Petrópolis conta com aproximadamente 19.045 habitantes (IBGE⁴⁸, 2010) e faz limite com os municípios de Caxias do Sul, Feliz, Gramado, Linha Nova, Picada Café, Santa Maria do Herval e Vale Real.

3.2 OS PARTICIPANTES

Os quatro membros estudados nesta pesquisa fazem parte da mesma família. Um aspecto que precisa ser mencionado é que essas quatro pessoas são também integrantes da minha família: meu avô, minha tia, minha prima e meu primo-sobrinho.

A escolha desses integrantes teve motivações pessoais, pois sempre notei que a minha família, sobretudo o meu avô, tem uma forte ligação com a variedade alemã Hunsrückisch, por isso achei que seria muito interessante estudar a relação que esses têm com o idioma. Além disso, também acreditei que um estudo com vários integrantes seria mais significativo; sendo assim, com muita satisfação, consegui reunir 4 indivíduos de diferentes gerações.

É importante ressaltar que, pelo fato de conhecer os participantes da pesquisa, durante o estudo procurei me colocar como pesquisadora, buscando um distanciamento deles. Para preservar a identidade dos participantes, foram concedidos nomes fictícios a eles. Os participantes são João, que pertence à primeira geração; Maria, que é filha de João; Joana, que é filha de Maria; e Mateus, que é filho de Joana.

O primeiro e mais velho participante é João. Nascido em 1927, João nasceu e cresceu no interior de Nova Petrópolis, na mesma região em que vive atualmente. Ele estudou até a 4^a série e fala e entende a variedade alemã Hunsrückisch desde pequeno. João aprendeu a variedade alemã com os seus pais e atualmente essa ainda é a língua que ele utiliza para se comunicar com os seus filhos, amigos e demais familiares, pois tem dificuldade de se comunicar em português. Com sua esposa, já falecida, João falava somente a variedade alemã Hunsrückisch, pois, na época, essa era a língua predominante da família. Foi somente ao entrar para o

⁴⁸ Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

serviço militar, com 20 anos, que ele aprendeu a falar o português, mas, mesmo depois disso, continuou utilizando com muito mais frequência a variedade alemã. João ensinou a variedade alemã aos seus filhos, que ainda hoje falam e entendem a língua. Para se comunicar com os seus netos ele utiliza a variedade alemã e, raramente, utiliza algumas palavras em português.

A segunda participante é Maria, que nasceu em 1954. Ela também nasceu no interior de Nova Petrópolis, mas atualmente mora no centro da cidade. Maria tem formação completa até o ensino fundamental e fala e entende a variedade alemã Hunsrückisch desde a infância. Ela aprendeu a variedade alemã com a sua família e ainda hoje a utiliza para se comunicar com o seu pai, João, com seus irmãos e demais parentes. Com a sua mãe, já falecida, Maria também costumava se comunicar na variedade alemã. Com o seu marido, Maria fala as duas línguas, o português, que ela aprendeu na escola, e a variedade alemã. Anos atrás, eles costumavam falar muito mais a variedade alemã, mas hoje em dia utilizam mais o português por causa dos filhos e netos. Maria também ensinou a variedade alemã às suas filhas, que quando eram menores falavam somente essa língua. Atualmente, ela se comunica com elas utilizando principalmente o português, por causa dos netos, que não entendem a variedade alemã.

Joana, que é a terceira participante, nasceu em 1983 e é pós-graduada. Ela nasceu e cresceu no centro de Nova Petrópolis. Joana aprendeu a variedade alemã Hunsrückisch com a família. Quando era pequena, seus pais se comunicavam com ela na variedade alemã Hunsrückisch, e mais tarde, quando ela começou a frequentar a escola, eles passaram a usar também o português. Joana utiliza somente o português para se comunicar com o seu marido, pois ele não entende a variedade alemã Hunsrückisch. Ela não ensinou a variedade alemã ao seu filho, por isso eles se comunicam somente em português. Atualmente, Joana entende a variedade alemã Hunsrückisch, mas tem dificuldade em se comunicar na língua.

O último e mais novo participante, Mateus, nasceu em 2016 na cidade de Nova Petrópolis, assim como os outros participantes. A sua mãe, Joana, não ensinou a variedade alemã Hunsrückisch para ele, por isso ele fala e entende somente português. Mateus está aprendendo apenas algumas palavras da variedade alemã, que estão sendo ensinadas pelos seus avós.

Abaixo, está representada uma tabela ilustrativa dos participantes da pesquisa e suas relações com a variedade alemã Hunsrückisch e com a língua portuguesa na época em que aprenderam as línguas e atualmente.

Tabela ilustrativa 1 - Os participantes e suas relações com a variedade alemã Hunsrückisch e com a língua portuguesa na época em que aprenderam as línguas e atualmente.



Fonte: própria (2020)

3.3 COLETA DE DADOS

O processo de coleta de dados ocorreu no período de janeiro de 2020 e foi dividido em duas partes. Inicialmente, foi aplicado um questionário escrito para os participantes das três primeiras gerações, com o objetivo de coletar informações básicas sobre cada um deles. Nesse momento, eles foram convidados a responder perguntas sobre seus conhecimentos e experiências para com a variedade alemã Hunsrückisch e com a língua portuguesa, sobre como foi a sua relação com ambas as línguas junto aos seus pais e junto aos seus cônjuges e como foi essa experiência como pais. O questionário não foi aplicado ao participante da quarta geração, pois ele ainda não está apto a escrever e entender as perguntas.

Em seguida, individualmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cada um dos participantes. A entrevista de João foi realizada em sua residência. É importante ressaltar que a idade avançada dele não atrapalhou a entrevista, no entanto, em alguns momentos, foi necessária a ajuda de seu filho para o esclarecimento das respostas, pois ele respondia tudo na variedade alemã Hunsrückisch e, em outros momentos, eu não o entendia com clareza. Já as entrevistas de Maria, Joana e Mateus foram realizadas na residência de Maria. Para coletar informações sobre o participante da quarta geração, foi realizada uma entrevista com sua mãe, Joana, que foi convidada a responder perguntas sobre ele. Como as entrevistas de Joana e Maria foram realizadas na mesma residência e no mesmo dia, em alguns momentos elas interagiram nas respostas, mas as entrevistas foram feitas separadamente.

De acordo com André e Ludke (1986, p. 34), uma das características da entrevista semiestruturada é que apesar de ela seguir um esquema, o entrevistador pode fazer as adaptações que considerar necessárias. Dessa forma, esse tipo de entrevista foi escolhido, pois foi possível realizar algumas adaptações para esclarecer dúvidas quanto às respostas dos participantes. Além disso, os autores reforçam que, na entrevista, é criada uma relação de interação entre pesquisador e pesquisado, os quais não têm papel hierárquico, ou seja, ambos criam uma atmosfera de influência mútua.

Nessa etapa, os participantes foram convidados a falarem sobre outros assuntos relacionados ao bilinguismo, como forma e idade de aquisição das línguas, frequência do uso delas, suas vidas escolares em relação às duas línguas, percepções sobre a variedade alemã, entre outros. Os autores André e Ludke (1986) também aconselham que, durante a entrevista, seja utilizado um roteiro com os principais tópicos a serem questionados aos participantes e, além disso, sugerem que ele siga uma ordem lógica dos assuntos abordados. Os mesmos autores comentam que quando se faz um roteiro de perguntas com uma sequência igual a todos os participantes, a situação fica próxima a aplicação de um questionário, porém a presença do entrevistador ajuda em eventuais esclarecimentos.

O registro das entrevistas foi realizado por intermédio de gravações de áudio, que não foram transcritas. As gravações de áudio foram feitas, pois de acordo com André e Ludke (1986), ao gravar uma entrevista existe a vantagem de registrar as

expressões orais dos entrevistados. As cópias dos questionários e entrevistas estão disponíveis nos seguintes apêndices: Apêndice B - Questionário (Geração 1); Apêndice C - Entrevista (Geração 1); Apêndice D - Questionário (Geração 2); Apêndice E - Entrevista (Geração 2) - Apêndice F - Questionário (Geração 3), Apêndice G - Entrevista (Geração 3) e Apêndice H - Entrevista (Geração 4).

3.4 ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS

Com base no referencial teórico explorado anteriormente, a análise das respostas dos questionários dos participantes e das entrevistas semiestruturadas foi analisada separadamente. Essa análise é apresentada na ordem crescente, ou seja, iniciando-se da primeira geração à quarta. Mesmo que durante as entrevistas as participantes Maria e Joana tenham interagido nas respostas, a análise delas foi feita individualmente. Os dados são estudados e relacionados aos aspectos teóricos explorados anteriormente, em busca de respostas às perguntas que norteiam esta investigação.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados durante esta pesquisa. Os dados serão analisados separadamente, iniciando da primeira geração à quarta, na qual são estudadas as respostas dos questionários entregues aos participantes junto às entrevistas feitas com cada um deles. Os dados serão sistematizados nas considerações finais.

4.1 JOÃO

Nesta seção, são analisadas as respostas de João às perguntas feitas no questionário e as respostas e percepções que ele expressou na entrevista semiestruturada. É importante mencionar que foi João quem respondeu as perguntas do questionário, no entanto, devido a sua idade avançada, foi o seu filho quem escreveu as respostas.

4.1.1 Questionário e entrevista de João

João, nascido em 1927, fala e entende a variedade alemã Hunsrückisch desde pequeno, como já mencionado no capítulo anterior. Além disso, ele afirmou que também sabe ler e escrever em Hunsrückisch. Nesse caso, podemos considerá-lo um bilíngue ativo, pois segundo Baker (2001), isto quer dizer que ele mantém ativas as competências de compreensão e expressão em ambas as línguas, português e Hunsrückisch.

Ao ser questionado sobre com quem aprendeu a variedade alemã, ele respondeu: *“aprendi a falar alemão⁴⁹ (o Hunsrückisch) com meus pais”*, e completou dizendo que eles entendiam e se comunicavam com ele apenas usando a variedade, pois não chegaram a aprender a língua portuguesa. À vista disso, entende-se que seus pais eram monolíngues, ou seja, comunicavam-se por meio de apenas uma língua. Além disso, ao longo da conversa, João comentou que o seu avô veio da Alemanha, portanto esse fato nos mostra que a sua família está muito conectada à cultura alemã.

⁴⁹ Durante a entrevista João utilizou a palavra “alemão” para se referir a variedade alemã Hunsrückisch. As palavras dialeto ou variedade não foram usadas por ele.

Durante a entrevista, João apontou que na época em que sua esposa era viva, ele usava somente a variedade alemã Hunsrückisch para se comunicar com ela, pois era a língua predominante da família. Com isso, é importante observar que o fato de se casar com uma pessoa que fale a mesma língua pode ajudar a mantê-la, pois caso fosse o contrário, seria mais difícil de conservá-la, visto que não seria utilizada diariamente. Ademais, a relação da variedade alemã com a sua esposa e com a sua família faz também parte da construção da identidade de João, conforme Baker (2001, p. 51)

Os idiomas expressam identidade. A identidade diz respeito às características compartilhadas dos membros de um grupo, comunidade ou região. A identidade fornece a segurança e o status de uma existência compartilhada. Às vezes, a identidade é via vestuário, crenças religiosas, rituais, mas a linguagem está quase sempre presente na formação e na exibição da identidade. A linguagem é um índice, símbolo e marcador de identidade.⁵⁰

Isso significa que a variedade alemã faz parte da identidade de João, que foi se construindo com os anos e que foi influenciada pela história, pelo local e pela comunidade em que ele está inserido, aspectos que sempre estiveram muito ligados à cultura germânica.

Ao ser questionado sobre como eram as suas aulas na escola, João respondeu: *“Minhas aulas na escola eram todas em alemão (o Hunsrückisch).”* Para um melhor esclarecimento, ele explicou que elas eram na variedade alemã Hunsrückisch, e não no alemão padrão, Hochdeutsch⁵¹. Além disso, ele contou que não teve disciplina de Português na escola. Assim, além de ter contato com a variedade desde a infância com seus familiares, ela também fez parte da sua vida escolar, que foi até a 4ª série. O fato de suas aulas terem sido na variedade alemã significa que na escola não houve proibição do uso da variedade. Ademais, com isso também podemos notar que na época escolar de João, de 1933 a 1936, a variedade alemã era bem respeitada, visto que poucos alunos entendiam o português. Caso

⁵⁰ Na original: “Languages express identity. Identity concerns the shared characteristics of members of a group, community or region. Identity provides the security and status of a shared existence. Sometimes identity is via dress, religious beliefs, rituals, but language is almost always present in identity formation and identity display. Language is an index, symbol and marker of identity.” (BAKER, 2001, p. 51).

⁵¹ Hochdeutsch é a denominação concedida à variante oficial (padrão) do alemão.

João tivesse continuado na escola, não temos como saber se teria tido algum tipo de formação na língua portuguesa.

Assim como seus pais, João também ensinou o Hunsrückisch aos seus filhos e, atualmente, ainda utiliza somente essa variedade para se comunicar com eles, pois tem um pouco de dificuldade em falar português. Essa dificuldade foi percebida durante a entrevista, pois, num primeiro momento, João tentou utilizar o português para responder às perguntas, mas devido à sua dificuldade em ouvir e falar a língua, usou, na maioria do tempo, a variedade alemã. Nesse momento, assim como no questionário, João teve a ajuda de seu filho para escrever e traduzir suas respostas. Dessa forma, é possível perceber que a variedade alemã Hunsrückisch é sua língua materna, sua língua dominante e a língua de herança de sua família, pois, conforme visto anteriormente, “uma língua de herança é aquela que foi falada pelas gerações anteriores e que frequentemente tem algum significado especial para a família”⁵². (KING; MACKEY, 2007, p. 11).

O Hunsrückisch foi a primeira língua que João aprendeu a falar, pois, na época em que nasceu, era o idioma predominante na comunidade. Quanto à língua portuguesa, conforme já mencionado na descrição dos sujeitos da pesquisa, ele respondeu: “*Aprendi português quando fui servir como militar e entrei para o quartel em São Leopoldo, com 20 anos.*” Com isso, podemos afirmar que ele se tornou bilíngue ao entrar na fase adulta. Podemos dizer que o caso de João é um exemplo de bilinguismo tardio, que como já citado acima no referencial teórico, segundo Harding-Esch e Riley (2003), acontece quando um indivíduo se torna bilíngue após a adolescência.

Outro fenômeno que aconteceu com João foi o bilinguismo aditivo, que é explicado por Baker (2001, p.132) da seguinte maneira:

O bilinguismo aditivo ocorre quando um segundo idioma é aprendido por um indivíduo ou um grupo sem prejudicar a manutenção e o desenvolvimento do primeiro idioma. Um contexto em que um segundo idioma adiciona, em vez de substituir o primeiro, é importante para o bilinguismo florescer.⁵³

⁵² Na original: “A heritage language is one that has been spoken by previous generations and that often has some special meaning for the family.” (KING; MACKEY, 2007, p. 11).

⁵³ Na original: “Additive Bilingualism occurs when a second language is learnt by an individual or a group without detracting from the maintenance and development of the first language. A context where a second language adds to, rather than replaces the first language is important for bilingualism to flourish.” BAKER (2001, p. 132).

Podemos dizer que o bilinguismo aditivo aconteceu com João, pois ao aprender a segunda língua, o português, ele não perdeu nem substituiu a primeira língua, a variedade alemã Hunsrückisch; ou seja, a aquisição do segundo idioma e sua cultura não prejudicou o primeiro.

As variedades linguísticas em geral, como o Hunsrückisch, geralmente exercem uma posição familiar mais informal, enquanto o português recebe posição em instituições, como escola, conforme visto no capítulo teórico. No caso de João, a variedade alemã recebeu posição familiar e também escolar, pois, como vimos anteriormente, ele não teve disciplina de Português na escola. Desde pequeno, o Hunsrückisch é a língua que ele utiliza para falar com seus familiares, amigos e parentes. Além disso, podemos ver que João não substituiu a língua de menor prestígio (a variedade alemã) pela de maior prestígio (o português), pois para ele essa sempre foi a língua que utilizou diariamente com sua família e seus amigos. Ele também não vê a língua como de menor prestígio, por ter tido muito prestígio na época em que era jovem e por ser a realidade da comunidade.

Como visto anteriormente, em meados de 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em muitos lugares, o uso da variedade alemã Hunsrückisch foi proibido. Ao ser questionado sobre essa fase, João respondeu: *“Nunca fui proibido de falar alemão (o Hunsrückisch). Teve uma época em que ouvi falar que em alguns lugares foi, mas comigo não aconteceu”*. Também podemos considerar o fato de que, nessa época, ele tinha 15 anos e ainda não tinha ido para o exército, ou seja, ainda não tinha aprendido português. Ao analisar a sua resposta, é muito provável que a proibição da variedade para ele não tenha acontecido por ele morar no interior do município.

João também afirma que se sente muito mais confortável falando a variedade alemã Hunsrückisch do que a língua portuguesa. O fato de ele se sentir mais confortável usando a variedade alemã mostra que realmente não houve proibição do uso da língua, pois caso houvesse, ele provavelmente teria muito mais contato com a língua portuguesa e talvez se sentisse mais confortável com ela atualmente. Também podemos concluir que João tem maior afinidade com a variedade alemã por ter sido a sua língua materna e estar presente com ele a vida toda. Ademais, vale mencionar que sendo bilíngue, o uso e a competência dele em cada uma das

línguas é diferente e, além disso, a necessidade dele se aprimorar no português foi baixa.

Como já visto, João raramente utiliza a língua portuguesa para se comunicar, apenas a usa quando realmente precisa. No entanto, ao tentar falar em português, João sempre acaba incluindo algumas palavras da variedade alemã Hunsrückisch nas conversas. Conforme citado no capítulo teórico, esse fenômeno recebe o nome de mistura de código ou “code-mixing”, em inglês (KING; MACKEY, 2007). Ao ser indagado sobre se costuma misturar as duas línguas em uma conversa, João respondeu que isso acontece às vezes quando precisa falar português, pois quando sente dificuldade em lembrar de algumas palavras ele as busca na variedade alemã Hunsrückisch e, assim, mistura os dois idiomas.

Com a resposta dele, fica evidente um dos motivos apresentados por King e Mackey (2007) sobre o fenômeno, que explicam que não se sabe ao certo as causas disso, mas que geralmente isso acontece quando existe uma falta de domínio do falante em uma das línguas. Assim, podemos pensar que o repertório linguístico de João é maior na variedade alemã do que no português, por isso quando precisa utilizar o português ele precisar recorrer ao Hunsrückisch para preencher lacunas e vocábulos do português. Também foi possível notar esse fenômeno durante a entrevista, em momentos em que João alternou entre o Hunsrückisch e a língua portuguesa, no qual foi possível confirmar o que já havia respondido na entrevista. Portanto, é importante reforçar que o fato de ele misturar as duas línguas não é um sinal de confusão e nem significa algo ruim, mas, sim, mostra o quão competente um bilíngue, como João, é para poder acessar duas línguas, e, ao mesmo tempo, o quanto o falante se mostra mais competente em uma das línguas.

Como já vimos no capítulo teórico, Faraco (2012) explica que as variedades rurais não possuem tanto prestígio quanto as variedades urbanas. Assim, apesar de, na cidade de Nova Petrópolis, haver um forte incentivo ao uso do Hunsrückisch, ele é falado principalmente por moradores do interior da cidade, por isso não possui tanto prestígio quanto o português, idioma oficial do país. Além disso, o Hunsrückisch também não possui tanto prestígio por ser uma variedade, e não uma língua padrão, visto que, muitas vezes, é possível perceber isso pelos próprios falantes da língua, que não reconhecem o Hunsrückisch como língua e o chamam de dialeto. Portanto, quando uma língua não tem tanto prestígio, os seus falantes,

muitas vezes, sofrem preconceito dos falantes da língua majoritária. Ao ser questionado sobre se já sofreu algum tipo de preconceito por falar a variedade alemã, João respondeu: *“nunca sofri preconceito por falar alemão (o Hunsrückisch)”*. É importante fazer esse tipo de questionamento, pois como já visto com Berger (2011), as famílias de imigrantes costumam sofrer preconceito devido à parte da população que acha que, no Brasil, só se fala português.

Ao considerar o Hunsrückisch como língua de herança da família de João, ele destacou que acha importante que ela seja passada de geração para geração. Além disso, comentou que seria muito interessante que seus netos continuassem utilizando a variedade alemã e que seus bisnetos a aprendessem também, pois assim eles preservariam a cultura alemã que está presente na família e na comunidade em que vive. Em outro momento da entrevista, ele também mostrou que seria interessante que o Hunsrückisch fosse ensinado nas escolas, principalmente por perceber que os seus netos já estão perdendo o hábito de falar a variedade.

Ao ser questionado em relação a como ele acha que a variedade alemã é vista pela comunidade, ele destaca: *“Eu acho que ele (o Hunsrückisch) é bem visto, muita gente usa ele”*. Além disso, com todas as outras constatações de João, percebe-se que o Hunsrückisch está muito presente na comunidade em que ele está inserido desde a infância e que, mesmo não sendo a língua dominante do país, muitas pessoas, principalmente as mais velhas, ainda a utilizam no seu dia a dia.

Quando questionado sobre o futuro do Hunsrückisch, João respondeu que acredita que, em 10 anos, a quantidade de falantes da variedade alemã vai ter diminuído consideravelmente, pois já percebe que a geração dos seus netos possui muita dificuldade em manter essa tradição, além de saber que a variedade nem está sendo ensinada ao seu bisneto. Em relação ao seu bisneto, é importante mencionar que João não tem uma relação muito próxima a ele, pois a comunicação entre ambos é complicada pelo fato de João falar majoritariamente o Hunsrückisch e seu bisneto não entender o idioma, apenas o português.

4.2 MARIA

Nesta seção são analisadas as respostas de Maria às perguntas feitas no questionário e as respostas e percepções que ela expressou na entrevista semiestruturada.

4.2.1 Questionário e entrevista de Maria

Conforme já visto no capítulo anterior, Maria, nascida em 1954, fala e entende a variedade alemã Hunsrückisch, no entanto, durante o questionário, afirmou que não sabe ler e nem escrever nesse idioma. Mesmo que Maria não saiba ler e nem escrever em Hunsrückisch, de acordo os critérios de Baker (2001), podemos considerá-la uma bilíngue ativa, pois ela tem competência de compreensão e expressão em duas línguas diferentes, português e Hunsrückisch.

A mãe de Maria, já falecida, tinha as habilidades de falar, entender, ler e escrever na variedade alemã e em português, mas como não teve tanto acesso ao português e utilizava, na maior parte do tempo, o Hunsrückisch, tinha um pouco de dificuldade de se expressar na língua. O pai de Maria, participante João mencionado anteriormente, também domina as habilidades de falar, entender, ler e escrever em ambas as línguas, porém como raramente utiliza o português, também possui um pouco de dificuldade de se comunicar com a língua. Mesmo que ambos tenham (sua mãe tinha e seu pai ainda tem) um pouco de dificuldade com o uso do português, conforme William Francis Mackey (1962 *apud* HARDING-ESCH; RILEY, 2003), podemos dizer que eles são bilíngues por usarem duas línguas alternadamente.

Maria contou que aprendeu a variedade alemã em casa com os seus pais, pois, quando ela era menor, eles costumavam falar com ela somente nessa língua. Quando Maria foi questionada sobre qual língua ela utiliza para se comunicar com seu marido, ela respondeu: *“Falo as duas línguas com ele. Quando estamos sozinhos falamos praticamente somente alemão⁵⁴ (o Hunsrückisch), mas quando estamos com nossas filhas e netos, utilizamos as duas línguas.”* Com a resposta dela, percebemos que, assim como para João, o fato de ela ter se casado com uma

⁵⁴ Durante a entrevista Maria também utilizou a palavra “alemão” para se referir a variedade alemã Hunsrückisch. As palavras dialeto ou variedade não foram usadas por ela.

pessoa que também fala o Hunsrückisch a ajudou a manter o idioma ativo até hoje, devido ao uso constante da língua em seu dia a dia. Além disso, a união dos dois também resultou no ensino da variedade alemã Hunsrückisch às suas duas filhas, o que nos faz perceber que a língua de herança continua presente na família. Além de ter ensinado a variedade alemã às suas duas filhas, no momento, ela também está ensinando algumas palavras da língua aos seus netos, pois suas filhas decidiram que não iriam ensinar o idioma da família para eles.

O primeiro idioma que Maria aprendeu a falar foi a variedade alemã Hunsrückisch, quando tinha 2 anos. Já quanto ao português, ela respondeu: *“aprendi a falar português somente quando entrei para a escola, com 6 anos”*. Com isso, entende-se que, diferente de João, o aprendizado das duas línguas de Maria se deu através do bilinguismo sequencial, no qual uma língua foi aprendida após a outra, num espaço curto de tempo e durante a infância. Um dos motivos de Harding-Esch e Riley (2003) para o bilinguismo sequencial é explicado da seguinte maneira:

[...] crianças cujos pais falam um idioma não comunitário em casa aprendem primeiro o idioma dos pais, começando apenas no idioma da comunidade posteriormente, à medida que seus contatos sociais se ampliam e, em particular, quando começam a ir a um grupo de brincadeiras ou escola.⁵⁵ (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 69).

Podemos dizer que o bilinguismo sequencial de Maria se encaixa no motivo citado acima pelos autores, pois ela aprendeu primeiro a língua da sua família em casa (a variedade alemã Hunsrückisch) e foi somente ao ingressar na escola e ter mais contato com outras pessoas que aprendeu a falar o português.

A aquisição da segunda língua de Maria ocorreu de forma aditiva, pois, conforme visto com Baker (2001) no capítulo teórico, o bilinguismo aditivo acontece quando uma segunda língua é adquirida sem pressão para substituir a primeira. Após aprender o português, Maria não foi obrigada a deixar de usar a sua língua materna, no entanto ela sabia que, na escola, teria que falar português, pois as suas aulas eram nessa língua. Com isso, ela continuou falando a variedade alemã em

⁵⁵ Na original: “children whose parents speak a non-community language at home will learn their parents’ language first, only starting on the community language later as their social contacts widen and in particular when they start going to a playgroup or school”. (HARDING-ESCH; RILEY, 2003, p. 69).

casa e o português na escola, o que não prejudicou a sua relação com o Hunsrückisch.

Maria também mostrou que se sente mais confortável falando Hunsrückisch do que o português, pois, a vida toda, esteve em contato com a língua. Isso não significa que ela se sente mais competente na variedade alemã do que em português, até porque como explicou em outro momento da entrevista, não tem as habilidades de ler e nem de escrever na língua. No entanto, o fato de ela se sentir mais confortável com o Hunsrückisch pode significar o forte vínculo que ela tem com a língua, por estar muito presente na sua família, na cidade e nas suas interações diárias.

Maria morou no interior de Nova Petrópolis com seus pais até a adolescência, a qual foi marcada pelo uso contínuo da variedade alemã, pois seus pais só falavam essa língua. Após se casar, decidiu se mudar para o centro da cidade com seu marido. De acordo com Baker (2001), geralmente os idiomas minoritários são mais preservados em áreas rurais do que em áreas urbanas e, além disso, o autor também comenta que quando uma pessoa se muda para uma área urbana, ela tem mais chance de perder essa língua. Ao analisar o caso de Maria, percebemos que ela não perdeu o hábito de usar a língua ao se mudar para o centro da cidade, pois continuou usando a em casa com o seu marido e com demais conhecidos. Além disso, ela também contou que, por parte dos moradores do centro da cidade, nunca houve nenhum tipo de comentário preconceituoso por utilizar a variedade alemã, até porque vê que o Hunsrückisch tem bastante prestígio no município e que muitas pessoas que moram no centro o utilizam.

Nesse sentido, é importante lembrar que, como já visto no subcapítulo 2.2, existe um incentivo à manutenção da língua e da cultura alemã na cidade. No entanto, a variedade alemã é considerada de menor prestígio quando comparada ao português, por ser usada principalmente pelas comunidades do interior e por ser utilizada pela minoria da população.

Quanto à sua vida escolar, Maria estudou numa escola que ficava no interior da cidade e lá teve formação completa até o ensino fundamental, etapa na qual parou a sua formação. Ela explicou que as suas aulas eram em português, mas que podia utilizar a variedade alemã, até porque a maioria dos seus colegas também falavam a língua. Com essa constatação e com outra resposta que Maria deu

durante a entrevista, entendemos que ela nunca foi proibida de usar o Hunsrückisch na escola e nem em qualquer outro lugar.

Ao ser questionada sobre em quais momentos do seu dia a dia ela utiliza o Hunsrückisch, Maria respondeu que não existe nenhum momento específico em que utilize apenas a variedade alemã, e complementou: *“geralmente falo alemão (o Hunsrückisch) em vários momentos no dia a dia, sobre assuntos diversos com meu marido e minha vizinha”*. Além disso, ela também contou que utiliza a língua com o seu pai, com seus irmãos e raramente com suas filhas, pois procura não usar o Hunsrückisch quando os seus genros e netos estão com elas, pois eles não falam e nem entendem a língua.

Com isso, também podemos notar outro fenômeno que acontece com Maria em relação ao bilinguismo: a troca de código, ou “code-switching”. De acordo com Baker (2001, p. 16), “os bilíngues costumam usar seus dois idiomas com pessoas diferentes, em contextos diferentes e para propósitos diferentes.” Ao analisar as respostas de Maria, percebemos que ela faz isso, pois costuma falar com algumas pessoas somente em português e com outras pessoas somente na variedade alemã. Quando ela fala com o seu pai, por exemplo, utiliza somente a variedade alemã, e quando fala com os seus genros, utiliza somente o português. Desse modo, Maria vai alternando os idiomas com o seu marido, com suas filhas e demais conhecidos, o que nos mostra que a troca de códigos faz parte da sua rotina.

Ainda em relação à troca de códigos, Maria comenta: *“às vezes, eu estou falando alemão (o Hunsrückisch) e percebo que uma das pessoas não entende a língua, aí eu mudo pro português”*. O comentário de Maria confirma um dos motivos expostos por King e Mackey (2007) para mudar de idioma, a solidariedade; ou seja, ao perceber que uma pessoa não está entendendo o que ela está falando, ela utiliza o português para se mostrar solidária e não excluir a pessoa da conversa.

Além disso, Maria também costuma misturar os dois idiomas na mesma conversa, o que nos leva a outro fenômeno do bilinguismo: a mistura de códigos ou “code-mixing.” Quanto à mistura de idiomas, Maria respondeu: *“às vezes, eu estou falando português e esqueço uma palavra, aí falo essa palavra no alemão (o Hunsrückisch)”*. No entanto, ela comentou que quando está falando com uma pessoa que não entende o Hunsrückisch, procura não usar palavras dessa língua. No caso de Maria, a mistura de códigos não parece acontecer por falta de domínio

em uma das línguas, mas, sim, apenas por esquecimento ou pouco uso de algumas palavras.

Ao ser questionada sobre o futuro do Hunsrückisch na cidade, Maria respondeu: *“acredito que em 10 anos a língua não vai mais existir”*, e completou dizendo que percebe isso com os seus netos, pois eles, hoje, já não tem quase nenhum contato com a língua. Apesar de notar que a variedade alemã não está mais sendo passada de geração para geração na sua família por parte de suas filhas, ela acha que isso deveria acontecer, pois vê a língua como um patrimônio da sua família. Maria não mostrou ter uma opinião formada sobre se o Hunsrückisch deveria ser ensinado nas escolas, mas acredita que seria interessante para ajudar a manter as tradições na cidade.

4.3 JOANA

Nesta seção, são analisadas as respostas de Joana às perguntas feitas no questionário e as respostas e percepções que ela expressou na entrevista semiestruturada.

4.3.1 Questionário e entrevista de Joana

Joana, nascida em 1983, fala e entende a variedade alemã Hunsrückisch, no entanto, assim como Maria, sua mãe, não sabe ler e nem escrever na língua. Além de usar a variedade alemã, Joana também fala, entende, lê e escreve em português, portanto, por possuir habilidades de compreensão e expressão em duas línguas, podemos considerá-la bilíngue ativa (BAKER, 2001). Assim como ela, seu pai e sua mãe também falam e entendem a variedade alemã Hunsrückisch e o português, por isso também podemos considerá-los bilíngues. Joana contou que aprendeu a variedade alemã Hunsrückisch com eles e acrescentou: *“quando eu era pequena meus pais falavam só em alemão comigo, e mais tarde eles começaram a usar o português também.”*

Joana explicou que a primeira língua que aprendeu a falar foi a variedade alemã Hunsrückisch, com 1 ano. Quanto ao português, ela contou que teve um pouco de contato com a língua antes de ir para a escola, mas foi somente ao

começar a estudar que realmente a aprendeu, com 6 anos. Sobre esse período, Joana comentou, *“foi muito difícil para me adaptar na escola, pois eu sabia somente alemão (o Hunsrückisch) e na escola eles usavam só português. Alguns professores até falavam alemão, mas os colegas não. Eu e minha irmã até chegamos a fugir da escola algumas vezes, por medo.”* O fato de ela ter fugido da escola pode significar a sua insegurança em relação ao uso do português, o medo do julgamento dos colegas que falavam somente português e, também, um não pertencimento àquele mundo. Além disso, com os esclarecimentos de Joana, percebemos que, assim como para Maria, ela também aprendeu uma língua após a outra, tratando-se, portanto, de um caso de bilinguismo sequencial.

Em relação à sua vida escolar, Joana estudou em duas escolas que ficam no centro da cidade e, conforme já vimos, as suas aulas eram em português. Os seus professores pediam para que não usasse o Hunsrückisch na sala de aula, no entanto o uso da língua não foi proibido por eles, esta era apenas uma recomendação que eles faziam. Joana também contou que depois que notou que, na escola, praticamente ninguém dos seus colegas sabia falar Hunsrückisch, ela decidiu começar a usar a língua apenas com a sua família. Foi a partir desse momento que ela, aos poucos, passou a usar menos o Hunsrückisch, o que resultou na sua atual dificuldade de se expressar na língua. Atualmente, Joana é pós-graduada na área da educação.

Ao aprender o segundo idioma, o português, com o tempo, Joana foi deixando de falar a sua língua materna, o Hunsrückisch. Atualmente, ela raramente utiliza a língua, pois tem bastante dificuldade de se expressar com ela. O fato de o português ter atrapalhado Joana no uso do Hunsrückisch, devido aos desafios vividos na escola e pelo fato de ter que aprender a língua de forma mais traumática que sua mãe e seu avô, foi, pouco a pouco, trazendo um distanciando dela para com a variedade alemã; o que nos faz entender que, ao contrário de Maria e João, com Joana ocorreu o bilinguismo subtrativo. De acordo com Baker (2001, p. 132), “o bilinguismo subtrativo ocorre quando um segundo idioma é aprendido às custas do primeiro idioma e substitui gradualmente o primeiro idioma”⁵⁶. Podemos dizer que o bilinguismo subtrativo aconteceu com Joana, pois, como o português é a língua

⁵⁶ Na original: “Additive Bilingualism occurs when a second language is learnt by an individual or a group without detracting from the maintenance and development of the first language.” (BAKER, 2001, p.132)

majoritária e de maior prestígio na cidade, ela passou a precisar muito mais dele nas situações do cotidiano, deixando o Hunsrückisch apenas para dialogar com sua família. Assim, como a variedade alemã, com o tempo, passou a não ser tão essencial no seu dia a dia, como consequência, a competência de reprodução dela nessa língua acabou ficando limitada. Além disso, entende-se que, em termos de quantidade de uso, ao utilizar uma das duas línguas com mais frequência, temporariamente a outra língua pode ficar mais fraca.

Ademais, conforme visto com Harding-Esch e Riley (2003) no capítulo teórico, esta língua que Joana já não utiliza mais com frequência está apenas adormecida, ou seja, ela pode reativá-la a qualquer momento. Joana entende o Hunsrückisch, porém, por não ter o costume de usá-lo diariamente, ela tem dificuldade de se expressar na língua, e na hora que quiser, pode reativar o idioma a qualquer momento, pois ele está apenas “inativo”.

Ao contrário de João e Maria, Joana casou-se com uma pessoa que não fala e nem entende Hunsrückisch, por isso ela utiliza somente o português para se comunicar com o seu marido. O fato de os dois utilizarem somente o português distanciou ainda mais Joana da sua língua materna. Portanto, entende-se que esse foi um dos motivos que a fez utilizar, cada vez menos, o Hunsrückisch, pois se o seu marido soubesse a língua, provavelmente seria mais fácil dela continuar usando-a diariamente. Esse também foi um dos motivos que levou Joana a decisão de não ensinar o Hunsrückisch ao seu filho, pois acredita que seria difícil criá-lo bilíngue sozinha.

Além de ter a decisão de não criar o seu filho bilíngue influenciada pelo seu cônjuge, que não entende a língua, ela também explicou alguns outros fatores e desafios que a levaram a não ensinar a variedade alemã a ele. Durante a entrevista, Joana relatou que o fato de ter passado dificuldade ao entrar na escola sabendo somente a variedade alemã e de ter sido um trabalho árduo se adaptar com o português, a influenciou na sua decisão, pois ela quase não passou de ano devido a essa sua dificuldade de se adaptar com a nova língua. Além disso, também em relação à escola, Joana comentou: *“tenho medo de confundir a cabeça na escola, porque os colegas dele falam só português.”* Entende-se, portanto, que Joana não quer que o seu filho passe pela mesma situação de dificuldade que ela passou ao entrar na escola, por insegurança em relação à reação dos colegas dele, por medo

de confundir a sua cabeça, o que é, na verdade, um mito, e por medo de ser complicado para ele se acostumar a usar somente o português na escola.

Outro elemento que influenciou Joana em sua decisão de não ensinar a língua minoritária ao seu filho foi o fato de já estar o levando ao fonoaudiólogo por perceber que troca algumas letras ao falar e, portanto, acredita que se ele estivesse aprendendo mais uma língua teria ainda mais dificuldade em organizar as palavras. Além disso, Joana também comentou acreditar que, em relação à concepção de ensino da língua, não tem tempo suficiente para ensinar a ele duas línguas simultaneamente, pois como trabalha o dia inteiro e só vê o filho de noite, presume que nessas poucas horas seria muito difícil para ele aprender dois idiomas.

Tendo em vista os seus argumentos sobre a não transmissão da língua ao seu filho, percebemos que, provavelmente, a partir da geração de seu filho, a variedade alemã tem chance de não estar mais presente em sua família. Em outras palavras, a língua de herança da família provavelmente irá acabar na geração de Joana. Conforme já visto com Baker (2001, p. 82) no capítulo teórico,

a língua minoritária precisa estar inserida na experiência de família – bairro – comunidade e na economia da família. A menos que isso aconteça, é improvável que crianças com educação bilíngue passem a língua minoritária para a próxima geração.⁵⁷

Ao relacionar as respostas de Joana com a explicação de Baker, entende-se que a falta de uso da variedade alemã na rotina familiar de Joana também é um dos fatores responsáveis pelo não ensino da língua ao seu filho. No caso de João, como vimos anteriormente, o Hunsrückisch sempre esteve presente em sua rotina familiar, por isso ele o manteve e o ensinou aos seus filhos. Já para Joana, o fato de ela ter deixado de usar a língua depois um certo tempo, ajudou no seu resultado atual de não compartilhamento da língua com seu filho.

Outro questão que pode ter levado Joana à não preservação da sua língua materna é o fato de ela ter nascido no centro da cidade, onde as pessoas usam predominantemente o português em relação a variedade alemã, pois conforme visto com Baker (2001), é mais provável que uma língua minoritária seja mantida em

⁵⁷ Na original: “The minority language needs to be embedded in the family–neighborhood–community experience and in the economics of the family. Unless this happens, it is unlikely that bilingually educated children will pass on the minority language to the next generation.” (BAKER, 2001, p. 82).

áreas rurais do que em áreas urbanas. Se Joana tivesse nascido na mesma comunidade do interior em que seu avô e sua mãe nasceram, ela provavelmente hoje estaria muito mais próxima da língua, pois teria contato diário com os indivíduos da comunidade que falam a língua com frequência. Além disso, provavelmente, ela também teria estudado numa escola localizada no interior da cidade, o que significa que até sua vida escolar, em relação ao seu trauma, teria a possibilidade de ter sido diferente.

Como já visto, Joana raramente utiliza a variedade alemã, pois tem dificuldade de se expressar com a língua. Ela contou que, anos atrás, utilizava muito mais a língua em sua profissão como professora, pois alguns alunos falavam a língua na escola; no entanto, hoje em dia, os seus alunos falam somente português, por isso não precisa mais usar o Hunsrückisch no ambiente escolar. Ela também explicou que usa o Hunsrückisch somente quando é necessário, como quando fala com sua vizinha e seu avô, os quais são idosos e têm dificuldades com o português, ou também, de vez em quando, com seus pais. Quanto a isso, explicou: *“quando estou falando com minha vizinha, meu avô ou meus pais, geralmente respondo eles em português ou tento falar alemão misturando algumas palavras do português, pois tenho dificuldade em lembrar algumas palavras do alemão.”*

Com base nas explicações de King e Mackey (2007) exploradas no capítulo teórico, isso nos mostra a presença do fenômeno mistura de código ou “code-mixing”, em inglês, na vida de Joana. Entende-se que esse fenômeno acontece com Joana por ela ter um repertório linguístico menor no Hunsrückisch e, por isso, sempre que precisa usar a língua, busca as palavras que lhe faltam no português. Com isso, é interessante notar que Joana utiliza a mistura de códigos pelo mesmo motivo que João, visto que ambos necessitam recorrer a sua segunda língua para completar os vocábulos da língua na qual possuem um domínio menor. Nesse caso, João necessita recorrer ao Hunsrückisch por ter um repertório linguístico menor no português, e Joana precisa recorrer ao português por ter um repertório linguístico menor no Hunsrückisch.

Quando questionada sobre se já sofreu preconceito por falar a variedade alemã, Joana respondeu: *“nunca sofri preconceito por falar alemão. Já fui chamada de “alemoa” e também já recebi comentários sobre meu sotaque de alemão, mas não levei pro lado negativo.”* Além disso, em outro momento da entrevista Joana

disse que percebe que algumas pessoas veem o Hunsrückisch com preconceito, pois já ouviu comentários de que, no Brasil, devemos falar português e não outras línguas. Ao analisar a sua resposta, entendemos que ela percebe que existe preconceito para com o Hunsrückisch, mas que com ela isso nunca aconteceu. No entanto, ainda a partir de sua resposta, é importante refletir que mesmo que ela não veja as situações que citou como algo negativo, outras pessoas poderiam considerá-las preconceituosas e isso, consciente ou inconscientemente, impacta na sua decisão de continuar ou não usando as línguas.

Atualmente, de acordo com sua resposta e com os demais fatos vistos até agora, Joana se sente muito mais confortável falando português do que a variedade alemã. Essa falta de conforto em utilizar o Hunsrückisch pode ser o resultado da sua dificuldade de se adaptar na escola com o português, dos comentários dos colegas, dos tantos anos em que utiliza praticamente somente o português ou por saber que o português é mais prestigiado na cidade do que a variedade alemã. Além disso, também é preciso considerar o fato de que uma pessoa pode ter facilidade de se comunicar em certos contextos em uma língua, mas ter dificuldade em outros, por isso também é normal que ela se sinta mais à vontade em uma das duas línguas.

Ao ser questionada sobre como ela acha que a variedade alemã é vista pela comunidade, ela respondeu que acredita que a língua é reconhecida culturalmente pelas pessoas, mas que vê que somente os mais antigos a falam. Além disso, quanto ao futuro do Hunsrückisch, ela explicou: *“acredito que em 10 anos o alemão (o Hunsrückisch) entrará em extinção. Acho que a língua será reconhecida pela história da cidade”*. É possível entender que ela pense isso pelo fato de ela mesma raramente estar usando a língua e pelo fato de ela nem ter ensinado a língua ao seu filho. Além disso, ela também vê que o mesmo está acontecendo com a variedade italiana Talian, que assim como o Hunsrückisch, com o passar dos anos está sendo cada vez menos usada.

Ademais, Joana também acredita que a variedade alemã Hunsrückisch é um patrimônio cultural que deve ser passado de geração para geração na sua família, no entanto, durante a entrevista, explicou que isso é difícil. Assim como para Joana, sabe-se que para muitos outros pais é difícil continuar usando a língua herdada da família e ainda ensiná-la aos filhos. No caso de Joana, entendemos que ela optou por não ensinar a língua ao seu filho principalmente pelo fato de não querer que ele

passa pelas mesmas situações de dificuldade que ela passou. Portanto, para que as famílias continuem mantendo suas tradições é relevante que a sociedade aceite e respeite as línguas minoritárias e reconheça que vivemos num país rico linguisticamente. Para que mais indivíduos continuem com o hábito de falar o Hunsrückisch, Joana sugeriu que a variedade alemã deveria ser ensinada em oficinas na escola, não necessariamente no turno de aula.

4.4 MATEUS

Nesta seção, são analisadas as respostas e percepções que a mãe de Mateus, Joana, expressou sobre o seu filho na entrevista semiestruturada.

4.4.1 Respostas da entrevista de Mateus

Mateus, nascido em 2016, como já dito anteriormente, não tem contato com a variedade alemã Hunsrückisch em sua casa, apenas com o português. Conforme visto na seção anterior, Joana, a mãe de Mateus, citou alguns motivos pelos quais optou pelo não ensino do Hunsrückisch ao seu filho. Foi possível notar que um dos principais motivos responsáveis pela sua escolha foi o fato de não querer que o seu filho passe pelas mesmas situações de dificuldade que ela passou ao entrar na escola sabendo falar apenas a variedade alemã. Joana ficou insegura ao pensar que ele teria que se adaptar a usar somente o português na escola, e, com isso, teria chance de confundir as duas línguas, já que os colegas dele falam somente português.

Outro fator que influenciou muito Joana em sua decisão foi o fato de o seu marido não entender e nem falar a variedade alemã. Joana acredita que seria difícil de ensinar o Hunsrückisch para o seu filho sem a ajuda de seu marido, uma vez que teria a possibilidade de Mateus se confundir em relação ao uso das duas línguas, e, como consequência, teria a possibilidade de influenciar negativamente no desempenho de Mateus na escola. Não podemos afirmar que casar-se com alguém que fale a mesma língua minoritária signifique manter este idioma na família, mas podemos notar que isso pode proporcionar uma maior oportunidade de manter essa língua na família. Por isso, o fato de Joana ter se casado com alguém que não sabe

o Hunsrückisch pode, sim, ter sido uma das causas mais relevantes para o não ensino da língua ao seu filho.

Ainda em relação aos motivos de Joana para o não ensino do Hunsrückisch ao seu filho, ela contou que outro influenciador da sua decisão foi a falta de tempo. Joana demonstrou acreditar que, em relação a concepção de ensino, precisaria de muito mais tempo para ensinar a língua de herança ao seu filho, uma vez que, em função do seu trabalho, só vê o filho de noite. Além disso, Joana alegou que já está levando o seu filho ao fonoaudiólogo pelo fato de ele estar trocando algumas letras. Por esse motivo, acredita que se ele estivesse aprendendo mais uma língua, seria ainda mais difícil para ele organizar as palavras.

Embora Mateus não tenha capacidade de se comunicar com o Hunsrückisch, é importante mencionar que os seus avós ensinaram algumas palavras da variedade alemã para ele, portanto ele tem conhecimento de poucas palavras da língua. King e Mackey (2007) explicam que os membros da família extensa, principalmente os avós, são importantes no aprendizado de idiomas da família e que podem ser fundamentais em relação aos idiomas minoritários. À vista disso, percebemos que o fato de os avós de Mateus estarem ensinando algumas palavras da variedade alemã para ele pode estar sendo uma iniciativa muito valiosa, visto que, além de ter a possibilidade de atrair o interesse dele pela língua, pode também fazer diferença no futuro do idioma na família. Com isso, vemos que os avós são realmente membros muito importantes na família para a conservação de um idioma.

Joana comentou que gostaria muito que seu filho aprendesse o Hunsrückisch, no entanto, como visto acima, exhibe alguns motivos que, do ponto de vista dela, a impedem de ensinar o idioma de herança da família para ele.

Como Mateus entende e fala apenas o português, podemos considerá-lo monolíngue, uma vez que comunica-se por meio de apenas uma língua. Contudo, mesmo sabendo que até o momento ele está sendo criado monolíngue, não sabemos se, no futuro, ele não vá se tornar bilíngue, com a possibilidade de aprender a sua língua de herança ou qualquer outro idioma. Por enquanto, o futuro do Hunsrückisch nesta família é incerto, pois ainda não temos como saber se Mateus um dia aprenderá a língua de herança de sua família.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar as considerações finais desta pesquisa, considero importante lembrar a motivação que deu origem a ela, assim como os aspectos importantes para que este trabalho pudesse chegar as suas conclusões.

Conforme já mencionado no capítulo introdutório, a escolha do tema desta pesquisa teve motivações pessoais, proveniente da forte ligação que tenho com o Hunsrückisch. A variedade alemã e a sua cultura estão muito presentes na minha cidade, na minha comunidade e, também, na minha família. Tendo isso em vista, nesta pesquisa, optei por estudar 4 gerações de uma mesma família: bisavô, avó, filha e neto. Com esses participantes, tive os propósitos de analisar aspectos sobre o uso e a manutenção da variedade alemã Hunsrückisch entre as gerações, além de identificar as experiências que esses falantes têm com a variedade alemã e com o português, entender como eles interagem com os dois idiomas e identificar fatores sobre o bilinguismo destes integrantes.

Com a ajuda de questionários e entrevistas, os objetivos foram alcançados. Foi possível constatar as experiências dos participantes com a variedade alemã e, além disso, entender quais foram os aspectos que levaram esta família a reduzir o uso da variedade alemã de geração para geração.

No capítulo da fundamentação teórica, para as discussões relacionadas ao bilinguismo, tive suporte dos autores Baker (2001), Harding-Esch e Riley (2003), King e Mackey (2007), entre outros, cujas definições foram muito importantes para explicar aspectos relacionados a esse tema, que é tão relevante para esta pesquisa. Já para as discussões sobre língua e dialeto, língua minoritária, língua de prestígio e língua de herança, tive suporte dos autores Mané (2012), Myers-Scotton (2006), Harding-Esch e Riley (2003), Baker (2001), entre outros, os quais também trouxeram definições relevantes para o estudo.

Quanto às conclusões obtidas sobre as questões que foram elencadas para a análise, percebemos, primeiramente, que tanto a variedade alemã Hunsrückisch, quanto o português, se mantiveram ativamente presentes nessa família até a terceira geração, ou seja, os membros das três primeiras gerações são bilíngues ativos, enquanto somente o membro da quarta geração foi criado monolíngue.

Tabela ilustrativa 2 - Os participantes e suas relações com o uso das duas línguas



Fonte: própria (2020)

Nota-se que as três primeiras gerações são bilíngues ativas, pois possuem as competências de compreensão e expressão em duas línguas, português e Hunsrückisch. Mesmo sabendo que a participante da terceira geração, atualmente, tem dificuldade em se expressar com o Hunsrückisch, ela pode ser considerada bilíngue ativa, pois, embora tenha um nível de competência inferior nessa língua em relação ao português e também comparado às outras gerações, ela sabe falar a língua. O mesmo acontece com o participante da primeira geração, que apesar de ter dificuldades em se expressar com o português, é bilíngue ativo por saber falar as duas línguas. A dificuldade de ambos os participantes pode se dar por conta da exposição e da necessidade de uso que eles tiveram com os idiomas, uma vez que João não teve muito contato com o português em sua vida e Joana não teve muito contato com a variedade alemã depois de uma certa idade, ou depois da entrada na escola.

Também é interessante notar que das três gerações que falam o Hunsrückisch, apenas a primeira tem as habilidades de ler e escrever na língua, sendo que as outras duas têm somente as habilidades de falar e de ouvir o idioma. O fato de a segunda e a terceira geração terem apenas a linguagem oral no Hunsrückisch diminui um pouco as chances de a língua prosperar e, além disso, o fato de a quarta geração nem ter aprendido o idioma nos faz entender que as chances da língua prosperar na família são ainda menores.

Além disso, foi interessante notar que João, da primeira geração, utiliza o fenômeno “code-mixing” porque precisa recorrer ao Hunsrückisch por ter um repertório linguístico menor no português, enquanto Joana, da terceira geração, precisa recorrer ao português por ter um repertório linguístico menor no Hunsrückisch.

As respostas trazidas pelos participantes também mostraram que o processo de aquisição do segundo idioma aconteceu de formas distintas.

Tabela ilustrativa 3 - Os participantes em relação ao processo de aquisição do segundo idioma



Fonte: própria (2020)

Com o esquema acima, podemos observar que, nessa família, o bilinguismo passou de aditivo, à subtrativo, à monolingüismo. Os três participantes bilíngues aprenderam primeiro a variedade alemã Hunsrückisch, no entanto ao aprender o seu segundo idioma, o português, eles reagiram de formas diferentes. As duas primeiras gerações, ao aprenderem a segunda língua, mantiveram a sua língua materna, sem prejudicá-la, ocorrendo assim o bilinguismo aditivo. Já a participante da terceira geração, ao aprender a segunda língua, teve a sua língua materna prejudicada e, com o tempo, também deixou de usá-la mais ativamente, ocorrendo assim o bilinguismo subtrativo. Isso não significa que ela perdeu o idioma, pois de vez em quando ainda o utiliza para se comunicar com o seu avô, com a sua vizinha e, às vezes, com seus pais. O fato de ter ocorrido o bilinguismo subtrativo com a participante da terceira geração foi um dos motivos que resultaram no monolingüismo do membro da quarta geração.

Outro aspecto interessante a ser observado é a relação do uso do Hunsrückisch com o local em que cada um dos participantes mora, ou já morou, conforme o esquema abaixo:

Tabela ilustrativa 4 - Os participantes e a relação do uso do Hunsrückisch com o local onde residem

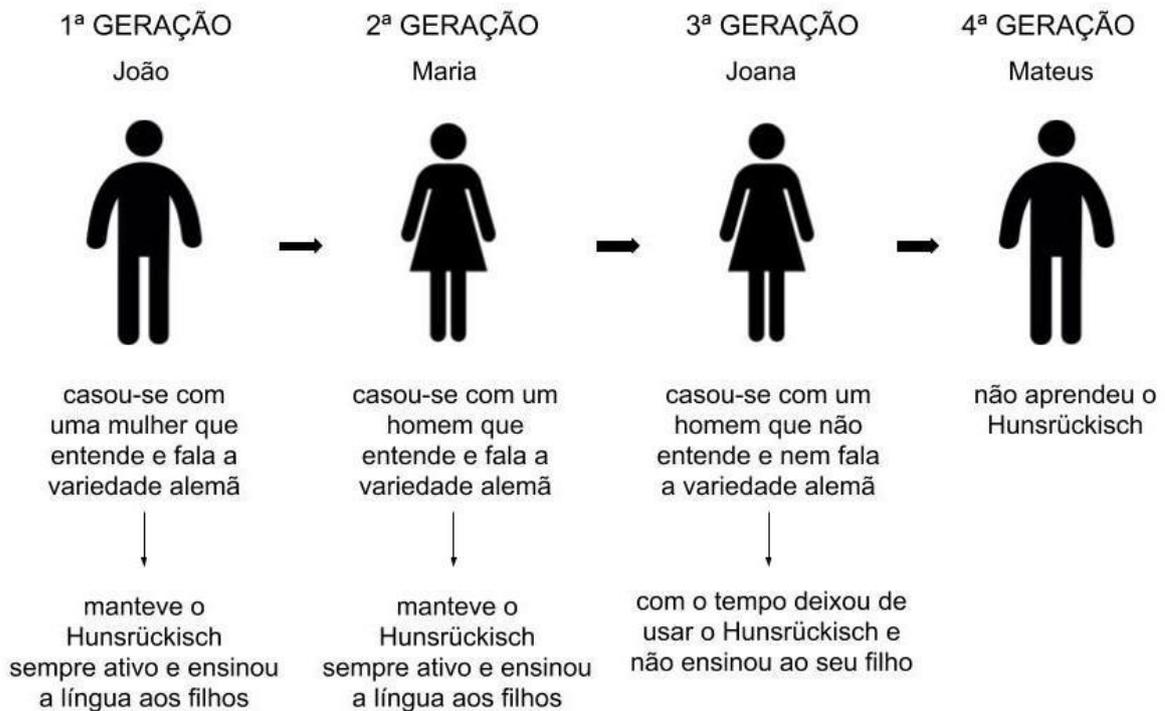


Fonte: própria (2020)

Nota-se que os participantes da primeira e da segunda geração, que têm a experiência de morar no interior da cidade, foram mais propícios a manter o idioma da família, visto que a primeira geração está inserida e a segunda geração já esteve inserida numa comunidade do interior, na qual o idioma está muito presente no dia a dia dos falantes. Já os participantes da terceira e da quarta geração, que moram a vida inteira no centro da cidade, não mantiveram essa mesma relação com a língua. Podemos observar que, por morarem no centro da cidade, ambos necessitam usar predominantemente a língua portuguesa em seu dia a dia, pois esta é a língua majoritária da cidade, que está presente em todos os contextos. Assim, podemos concluir que os dois membros que têm uma experiência de vida no interior, tiveram mais facilidade e oportunidade de manter o idioma da família, devido a sua convivência diária com falantes de Hunsrückisch da comunidade, que predominantemente utilizam a variedade alemã.

Em relação aos participantes, outro aspecto interessante a ser observado é que a relação que eles têm com a variedade alemã pode ter sido influenciada pelos seus cônjuges.

Tabela ilustrativa 5 - Os participantes e a relação do uso do Hunsrückisch com os seus cônjuges



Fonte: própria (2020)

João e Maria, da primeira e da segunda geração, se casaram com indivíduos que entendem e falam a variedade alemã, e, como vimos, mantiveram a língua na família e também a ensinaram aos seus filhos. Já Joana, da terceira geração, se casou com um indivíduo que não entende e nem fala a variedade alemã, e, como vimos, raramente utiliza a língua e não a ensinou ao seu filho. Não podemos afirmar que o fato de ela ter se casado com uma pessoa que não entende a variedade alemã signifique não manter o seu idioma de herança, mas, como ela mesmo explicou, isso interferiu na sua escolha de não ensinar a língua ao seu filho.

Após esta pesquisa, podemos concluir que, em relação ao uso das duas línguas nessa família, muita coisa mudou da primeira para a quarta geração. João, da primeira geração, possui dificuldade em falar o português, mas sabe falar muito bem a variedade alemã. Maria, da segunda geração, não tem dificuldade no uso de

nenhuma das duas línguas. Joana, da terceira geração, tem dificuldade com o uso da variedade alemã Hunsrückisch, e Mateus, da quarta geração, não aprendeu a variedade alemã, somente o português. Com isso, não temos como definir um futuro para a variedade alemã Hunsrückisch nessa família, pois não sabemos qual caminho Mateus vai seguir, contudo, com as informações que temos, podemos imaginar que provavelmente ele não vai levar essa língua adiante, a não ser que ainda a aprenda.

Por meio das respostas dos participantes e, também, de acordo com a minha percepção como moradora da cidade, foi possível identificar que a variedade alemã Hunsrückisch ainda está viva em Nova Petrópolis, e que, por ser uma cidade que está fortemente ligada à cultura germânica, ainda possui muitos falantes do Hunsrückisch. No entanto, também é preciso observar que existem, cada vez mais, famílias como a da pesquisa, nas quais o costume de falar a língua de herança está se perdendo de geração para geração.

Tendo isso em vista, vejo a importância de mostrar o trabalho para a prefeitura, com o objetivo de planejar projetos que resgatem as nossas raízes, a fim de que nossos filhos, netos e bisnetos conheçam e aprendam o idioma deixado pelos antepassados. Acredito que é necessário mostrar à população de Nova Petrópolis a importância de manter viva a cultura alemã, já que a questão do uso da língua é algo que as famílias precisam escolher. Ademais, também vejo que seria interessante propor à prefeitura a co-oficialização do Hunsrückisch na cidade de Nova Petrópolis, uma vez que em algumas cidades ele já é um idioma co-oficial.

Realizar esta pesquisa sobre o Hunsrückisch, língua com a qual tive contato desde a infância, foi uma experiência muito enriquecedora para mim. Com este estudo, tive a oportunidade de aprender mais aspectos relacionados ao bilinguismo e entender como eles se aplicam a uma realidade da qual faço parte. Além disso, também pude compreender melhor a relação da cidade com a língua, o papel do falante do Hunsrückisch na sociedade e, também, prever um possível futuro da língua na cidade. Ademais, este trabalho permitiu que eu me aproximasse mais da minha família, especialmente do meu avô. Foi muito gratificante poder conhecer a relação que a variedade alemã Hunsrückisch tem com a minha família.

Apesar de acreditar que este estudo traz conclusões importantes e que contribui para os demais estudos relacionados ao bilinguismo, também acredito que

um estudo com mais participantes, no qual mais famílias são analisadas, pode ser ainda mais significativo. Além disso, acredito que mais pesquisas como esta, nas quais são mostradas as percepções de falantes de diversas gerações de famílias, podem ajudar a elevar a conscientização sobre manter o idioma de herança e, possivelmente, ajudar a definir um futuro mais promissor para a língua.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli E.D.A.; LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** Temas Básicos de Educação e Ensino. p. 25-44. São Paulo: EPU, 1986. <Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4247151/mod_resource/content/2/Lud_And_cap3.pdf> Acesso em: 12 Fev. 2020.
- BAKER, Colin. **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism.** Great Britain: Multilingual Matters Ltd, ed 3, 2001.
- BERGER, Isis Ribeiro. **Por políticas linguístico-educacionais sensíveis ao contexto da tríplice fronteira Argentina-Brasil-Paraguai.** Revista Ideação, v. 13, n. 2, p. 33-44, 2. sem. 2011. Disponível em: <<http://files.professoraisis.webnode.com.br/200000535-0799d0893c/IDEA%C3%87%C3%83O%202011.2.pdf>> Acesso em: 23 Dez. 2019.
- BERRYMAN, Guy; BUCKLAND, Jon; CHAMPION, Will; MARTIN, Chris. **Fix you.** In: Coldplay. X&Y. Reino Unido: Parlophone, 2005.
- BLOOMFIELD, Leonard. **Language.** London: George Allen & Unwin, 1962. 1. ed. 566 p.
- BORTOLOTTI, Nelita; GOMES, Wanessa Bruna Santos Brito; SCHLINDWEIN, Luciane Maria. **A aprendizagem de uma segunda língua na educação infantil: bilinguismo, plurilinguismo ou pluridiscursividade dialógica?** Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 84-102, jul./dez. 2013.
- CHEDIAK, Sheylla. **Biletramento na educação eletiva: aquisição do português e inglês em contexto escolar.** 1. ed. Curitiba, Appris, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=1cSXDwAAQBAJ&pg=PT17&lpg=PT17&dq=bilinguismo+recessivo&source=bl&ots=qJEaV48V7i&sig=ACfU3U2TB_5wIXQdQ6VS_M5rONEoi1Mqgdg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjvu7-A18DpAhVYHbkGHXwUAAMQ6AEwBXoECAoQAQ#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 10 Mai. 2020.

CRYSTAL, David. **The Cambridge Encyclopedia of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. 489 p. ISBN 0-521-40179-8.

CRYSTAL, David. **Language Death**. Cambridge: Cambridge University Press. United Kingdom, 2000. Disponível em: <<http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam032/99053220.pdf>> Acesso em: 18 Nov. 2019.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 2a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4411427/mod_resource/content/0/FARACO%20Carlos%20Alberto%20-%20Lingu%C3%ADstica%20Hist%C3%B3rica.pdf> Acesso em: 15 Set. 2019.

FRITZEN, Maristela Pereira. **Ich spreche anders, aber das ist auch deutsch: línguas em conflito em uma escola rural localizada em zona de imigração no sul do Brasil**. Campinas, vol. 47, n. 2, jul./dez. 2008. p. 341-356. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tla/v47n2/a05v47n2.pdf>> Acesso em: 20 Set. 2019.

FROMKIN, Victoria; RODMAN, Robert; HYAMS, Nina. **Language in society**. In: _____. **An Introduction to Language**. 9ª ed. Boston: Thomson, 2007. Disponível em: <<https://discoveryabhiijit.files.wordpress.com/2016/02/fromkin-and-rodman-an-introduction-to-language.pdf>> Acesso em: 19 Ago. 2019.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da amostra**. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/nova-petropolis/panorama>> Acesso em 10 Dez. 2019.

GARCÍA, Ofelia; KANO, Naomi. Translanguaging as process and pedagogy: Developing the English writing of Japanese students in the US. In: CONTEH, Jean; MEIER, Gabriela (Org.). **The multilingual turn in languages education: Benefits for individuals and societies**. Bristol: Multilingual Matters, 2014. p. 258-277. Disponível em: <<https://ofeliagarciaidotorg.files.wordpress.com/2014/11/transl-as-process-pedagogy.pdf>> Acesso em: 10 Dez. 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. 2009. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 209. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 12 Jan. 2020.

GROSJEAN, François. **Life with two languages**. An introduction to Bilingualism. Cambridge, Mass: Harvard University Press. 1982. Disponível em: <<https://cutt.ly/kufpskt>> Acesso em: 14 Ago. 2019.

HARDING-ESCH, Edith, RILEY, Philip. **The Bilingual Family**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2. Ed. 2003.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EM POLÍTICA LINGUÍSTICA (IPOL). **Línguas co-oficializadas nos municípios brasileiros**. 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1qSSwGRixkbsv_wJKrRzMX24KtKShjHbW/view> Acesso em: 10 nov. 2019.

KING, Kedall; MACKEY, Alison. **The bilingual edge: why, when, and how to teach your child a second language**. New York: HarperCollins, 2007.

KIRCH, Andréia Gallas. **A presença (ou não) do ensino do dialeto riograndense Hunsrückisch em uma escola Municipal de Salvador do Sul: Percepções acerca do valor da língua da comunidade**. 2018. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação em Português e Inglês) - Curso de Letras - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

LIEBSCHER, Peter. **Quantity with quality?** Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. *Library Trends*, v. 46, n. 4, p. 668-680, Spring 1998. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/a6a8/e26751bd61d206add94231eb8ba4f693899c.pdf>>. Acesso em: 12 Jan. 2020.

MANÉ, Djiby. **As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico**. *Via Litterae, Anápolis*. v. 4, n. 1, p. 39-51, jan./jun. 2012.

MEJÍA, Anne-Marie de. **Power, prestige and bilingualism: international perspectives on elite bilingual education.** Clevedon: Multilingual Matters, 2002. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=RNbsQBv0NR0C&oi=fnd&pg=PR8&dq=Power,+prestige+and+bilingualism:+international+perspectives+on+elite+bilingual+education.+pdf&ots=yG2ERwbPlq&sig=KJzpwJJOZ20VeGDpy3L0Z4qOEuU#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 28 Set. 2019.

MYERS-SCOTTON, Carol. **Multiple voices: an introduction to bilingualism.** Oxford, Blackwell, 2006.

ONGARATTO, Elisabete Cristina. **Políticas linguísticas de um país monolíngue em uma sala de aula de uma comunidade bilíngue do interior do Rio Grande do Sul.** 2010. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação em Português e Inglês) - Curso de Letras - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

PASINATTO, Rubiamara. **Políticas linguísticas no Brasil: da dominação dos nativos ao silenciamento dos imigrantes.** p. 149-174. Domínios de Linguagem | Uberlândia | vol. 13, n. 1 | jan. - mar. 2019.

PORTAL PREFEITURA DE NOVA PETRÓPOLIS. A cidade: histórico. Nova Petrópolis, 2019. Disponível em: <<https://www.novapetropolis.rs.gov.br/pagina/historico>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

PORTAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Educação Integral.** 2019. Disponível em: <<http://educacaointegral.mec.gov.br/educacao-infantil>>. Acesso em: 08 set. 2019.

QUADROS, Ronice Müller de. **Línguas de Herança: Língua Brasileira de Sinais.** Porto Alegre: Penso. 2017.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Língua estrangeira e auto-estima. In: _____. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e questão ética.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 143p.

Rota Romântica. **Rota Romântica:** Institucional, 2019. Disponível em:<<https://www.rotaromantica.com.br/pt>>. Acesso em 15 dez. 2019.

SANTANA, Joelton Duarte de. **Língua, cultura e identidade:** a língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: língua - vidas em Português. Paraíba. p. 47-66, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37367/40088>>. Acesso em: 12 out. 2019.

SCHMITT, Iasmin. **Aprendizagem, afetividade e cultura:** Uma análise da aula de Língua Alemã como Língua Adicional na Educação Infantil. 2019. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação em Português e Inglês) - Curso de Letras - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

SPINELLI, Franciele. **Multilingualism from Childhood:** two sisters' contact with five languages. 2012. 108 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação em Inglês) - Curso de Letras - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE INFORMAÇÕES DE ENTREVISTA

São Leopoldo, Janeiro de 2020.

Prezado/a senhor/a,

Sou aluna de Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS - e estou realizando meu trabalho de conclusão de curso baseado no tema Bilinguismo, sob a orientação da Ms. Aline Jaeger. Busco investigar como se deu o processo de aprendizagem das línguas da sua família e a sua relação com o uso delas. Para tal atividade, é necessária a busca de dados através de questionários e entrevistas as quais gostaria de gravar para obter uma maior fidelidade das informações adquiridas.

A publicação de qualquer dado da pesquisa acontecerá somente em meios acadêmicos, e as identidades dos participantes serão todas preservadas – todos os nomes serão trocados por nomes fictícios. A sua autorização é, portanto, essencial para que o projeto atinja seus objetivos propostos. Em caso de dúvida e/ou necessidade de esclarecimentos, estou à sua disposição.

Desde já agradeço a sua atenção!

Atenciosamente,
Vanessa Marcela Schneider

LI A DESCRIÇÃO ACIMA E AFIRMO QUE ESTOU DE ACORDO COM A GRAVAÇÃO DA ENTREVISTA, BEM COMO AUTORIZO O USO DE REGISTROS PARA PESQUISA CONFORME INDICADO ACIMA.

ASSINATURA DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO (GERAÇÃO 1)**QUESTIONÁRIO**

Idade: _____ Escolaridade: _____

a) Marque com um X a resposta que você considera apropriada:

1. Você fala a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
2. Você entende a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
3. Você lê a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
4. Você escreve a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
5. Seu pai falava a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
6. Ele entendia a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
7. Sua mãe falava a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
8. Ela entendia a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
9. Onde você aprendeu a variedade alemã Hunsrückisch?
() amigos () família () escola
10. As suas aulas na escola eram em qual língua?
() português () alemão () variedade alemã Hunsrückisch
11. Você podia utilizar a variedade alemã Hunsrückisch nas aulas? () SIM () NÃO
12. Seus filhos aprenderam a variedade alemã Hunsrückisch com você?
() SIM () NÃO

b) Quando você era pequeno, em que idioma seus pais falavam com você?

c) Qual língua você usa para se comunicar com seus filhos? Por quê?

d) Qual língua você usava para se comunicar com a sua esposa? Por quê?

e) Como achas que a variedade alemã Hunsrückisch é vista pela comunidade em geral?

f) Como a variedade alemã Hunsrückisch será vista na sua comunidade nos próximos 10 anos? Em relação a quantidade de falantes, como você imagina que será?

APÊNDICE C - ENTREVISTA (GERAÇÃO 1)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- 1 - Qual foi o primeiro idioma que você aprendeu a falar?
- 2 - Ao aprender o segundo idioma, com o tempo você deixou de falar um deles?
- 3 - Com quantos anos você aprendeu a falar a variedade alemã Hunsrückisch? E o português?
- 4 - Você aprendeu as duas línguas simultaneamente ou uma após a outra?
- 5 - Com que frequência você utiliza a variedade alemã Hunsrückisch?
- 6 - Com quem você fala a variedade alemã Hunsrückisch?
- 7 - Em quais situações você utiliza a variedade alemã Hunsrückisch?
- 8- Existe algum momento em que você utiliza somente a variedade alemã Hunsrückisch?
- 9 - Em algum momento na sua vida o uso da variedade alemã Hunsrückisch lhe foi proibido?
- 10 - Você já misturou os dois idiomas numa conversa? Se sim, isso acontece com frequência ou raramente? Por quê?
- 11 - Você já sofreu algum tipo de preconceito por falar a variedade alemã Hunsrückisch? Se sim, por quê?
- 12 - Você acha que a variedade alemã Hunsrückisch deveria ser ensinada nas escolas?
- 13 - Você considera a variedade alemã Hunsrückisch um patrimônio cultural que deve ser passado de geração para geração na sua família?
- 14 - Você se sente mais confortável falando português ou a variedade alemã Hunsrückisch?

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO (GERAÇÃO 2)**QUESTIONÁRIO**

Idade: _____ Escolaridade: _____

a) Marque com um X a resposta que você considera apropriada:

1. Você fala a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
2. Você entende a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
3. Você lê a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
4. Você escreve a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
5. Seu pai falava a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
6. Ele entendia a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
7. Sua mãe falava a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
8. Ela entendia a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
9. Onde você aprendeu a variedade alemã Hunsrückisch?
() amigos () família () escola
10. As suas aulas na escola eram em qual língua?
() português () alemão () variedade alemã Hunsrückisch
11. Você podia utilizar a variedade alemã Hunsrückisch nas aulas? () SIM () NÃO
12. Seus filhos aprenderam a variedade alemã Hunsrückisch com você?
() SIM () NÃO

b) Quando você era pequena, em que idioma seus pais falavam com você?

c) Qual língua você usa para se comunicar com seus filhos? Por quê?

d) Qual língua você usa para se comunicar com o seu marido? Por quê?

e) Como achas que a variedade alemã Hunsrückisch é vista pela comunidade em geral?

f) Como a variedade alemã Hunsrückisch será vista na sua comunidade nos próximos 10 anos? Em relação a quantidade de falantes, como você imagina que será?

APÊNDICE E - ENTREVISTA (GERAÇÃO 2)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- 1 - Qual foi o primeiro idioma que você aprendeu a falar?
- 2 - Ao aprender o segundo idioma, com o tempo você deixou de falar um deles?
- 3 - Com quantos anos você aprendeu a falar a variedade alemã Hunsrückisch? E o português?
- 4 - Você aprendeu as duas línguas simultaneamente ou uma após a outra?
- 5 - Com que frequência você utiliza a variedade alemã Hunsrückisch?
- 6 - Com quem você fala a variedade alemã Hunsrückisch?
- 7 - Em quais situações você utiliza a variedade alemã Hunsrückisch?
- 8- Existe algum momento em que você utiliza somente a variedade alemã Hunsrückisch?
- 9 - Em algum momento na sua vida o uso da variedade alemã Hunsrückisch lhe foi proibido?
- 10 - Você já misturou os dois idiomas numa conversa? Se sim, isso acontece com frequência ou raramente? Por quê?
- 11 - Você já sofreu algum tipo de preconceito por falar a variedade alemã Hunsrückisch? Se sim, por quê?
- 12 - Você acha que a variedade alemã Hunsrückisch deveria ser ensinada nas escolas?
- 13 - Você considera a variedade alemã Hunsrückisch um patrimônio cultural que deve ser passado de geração para geração na sua família?
- 14 - Você se sente mais confortável falando português ou a variedade alemã Hunsrückisch?

APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO (GERAÇÃO 3)**QUESTIONÁRIO**

Idade: _____ Escolaridade: _____

a) Marque com um X a resposta que você considera apropriada:

1. Você fala a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
2. Você entende a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
3. Você lê a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
4. Você escreve a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
5. Seu pai falava a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
6. Ele entendia a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
7. Sua mãe falava a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
8. Ela entendia a variedade alemã Hunsrückisch? ()SIM ()NÃO
9. Onde você aprendeu a variedade alemã Hunsrückisch?
() amigos () família () escola
10. As suas aulas na escola eram em qual língua?
() português () alemão () variedade alemã Hunsrückisch
11. Você podia utilizar a variedade alemã Hunsrückisch nas aulas? () SIM () NÃO
12. Seus filhos aprenderam a variedade alemã Hunsrückisch com você?
() SIM () NÃO

b) Quando você era pequeno, em que idioma seus pais falavam com você?

c) Qual língua você usa para se comunicar com seus filhos? Por quê?

d) Qual língua você usava para se comunicar com o sua esposa? Por quê?

e) Como achas que a variedade alemã Hunsrückisch é vista pela comunidade em geral?

f) Como a variedade alemã Hunsrückisch será vista na sua comunidade nos próximos 10 anos? Em relação a quantidade de falantes, como você imagina que será?

APÊNDICE G - ENTREVISTA (GERAÇÃO 3)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- 1 - Qual foi o primeiro idioma que você aprendeu a falar?
- 2 - Ao aprender o segundo idioma, com o tempo você deixou de falar um deles?
- 3 - Com quantos anos você aprendeu a falar a variedade alemã Hunsrückisch? E o português?
- 4 - Você aprendeu as duas línguas simultaneamente ou uma após a outra?
- 5 - Com que frequência você utiliza a variedade alemã Hunsrückisch?
- 6 - Com quem você fala a variedade alemã Hunsrückisch?
- 7 - Em quais situações você utiliza a variedade alemã Hunsrückisch?
- 8- Existe algum momento em que você utiliza somente a variedade alemã Hunsrückisch?
- 9 - Em algum momento na sua vida o uso da variedade alemã Hunsrückisch lhe foi proibido?
- 10 - Você já misturou os dois idiomas numa conversa? Se sim, isso acontece com frequência ou raramente? Por quê?
- 11 - Você já sofreu algum tipo de preconceito por falar a variedade alemã Hunsrückisch? Se sim, por quê?
- 12 - Você acha que a variedade alemã Hunsrückisch deveria ser ensinada nas escolas?
- 13 - Você considera a variedade alemã Hunsrückisch um patrimônio cultural que deve ser passado de geração para geração na sua família?
- 14 - Você se sente mais confortável falando português ou a variedade alemã Hunsrückisch?

APÊNDICE H - ENTREVISTA (GERAÇÃO 4)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA RESPONDIDO PELA MÃE (GERAÇÃO 3) SOBRE O FILHO (GERAÇÃO 4)

- 1 - Em qual língua você se comunica com o seu filho?
- 2 - Você ensinou a variedade alemã Hunsrückisch ao seu filho? Por quê?
- 3 - O seu filho fala a variedade alemã Hunsrückisch?
- 4 - O seu filho entende a variedade alemã Hunsrückisch?
- 5- Existe algum momento em que você utiliza somente a variedade alemã Hunsrückisch com ele?
- 6 - Você acha que a variedade alemã Hunsrückisch pode ser importante para o seu filho no futuro?